Museu da Língua Portuguesa

Centro de Referência

Feijo-ada de Palavras

caderno do professor

Na sua escola
Objetos Digitais de Aprendizagem do Museu da Língua Portuguesa

Ao professor

Este é o caderno de orientações para utilização em sala de aula do material “Feijoada de palavras”, Objeto Digital de Aprendizagem (ODA) desenvolvido pelo Museu da Língua Portuguesa (MLP), por meio do Centro de Referência do MLP. O material é resultado do projeto “Na sua escola: objetos digitais de aprendizagem do Museu da Língua Portuguesa”.

Este documento tem como objetivo trazer inspirações para o uso desse material, sugerindo atividades e conteúdos complementares, potencializando o poder criativo de professores e professoras. Aqui, não pretendemos trazer uma receita ou um passo a passo de uso, mas sim um referencial de possibilidades que podem se adaptar à realidade de cada sala de aula, aos estudantes e aos recursos disponíveis em sua escola, podendo ser utilizado por quem conhece ou não o acervo do Museu da Língua Portuguesa.

O material “Feijoada de palavras” e as informações contidas neste caderno foram construídos em colaboração com professores e formadores de língua portuguesa das Secretarias Municipais de Educação das cidades de Guarulhos, São José dos Campos e Pindamonhangaba. Esperamos que este Caderno do Professor oriente atividades de debate e troca e, sobretudo, fortaleça a relação do Museu da Língua Portuguesa com a comunidade escolar, colaborando com a construção de novas relações entre a língua portuguesa e a nossa identidade.

Bom trabalho!

Centro de Referência
do Museu da Língua Portuguesa

Apresentação

Criar projetos com escolas é uma das formas pelas quais entendemos como fazer o Museu percorrer, junto com seu acervo, caminhos para além de seus muros. Junto com esse acervo, e todos os conteúdos que ele carrega, vão também histórias e memórias representativas de culturas diversas que existem neste grande território chamado Brasil.

O “Na sua escola” 2024 se dedicou a tratar de uma fatia dessa diversidade: as línguas indígenas e africanas. Desde 2008, existe a lei nº 11.645 que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e culturas indígenas e afro-brasileiras nas escolas. Com o projeto, o Museu vem reforçar seu papel de aliado da educação, ao conectar a cultura como parceira do ensino formal, somando com as situações de aprendizagem nas escolas.

Assim, o Museu busca contribuir para a valorização e a preservação das culturas indígenas e afro-brasileiras, combatendo preconceitos e estereótipos. Para crianças e jovens, essa conscientização é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O Museu, portanto, não só educa, mas também inspira a valorizar e celebrar a riqueza cultural do Brasil, promovendo uma reflexão crítica sobre as partes dolorosas dessa história.

O Museu da Língua Portuguesa é um equipamento da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, administrado pelo IDBrasil Cultura, Educação e Esporte, uma organização social de cultura. O Lab_Língua Portuguesa é parte integrante do Centro de Referência, idealizador do “Na sua escola” 2024, projeto em parceria com as secretarias municipais de educação de Guarulhos, Guaratinguetá, Pindamonhangaba, São José dos Campos, São Sebastião e Suzano.

Agradecemos aos profissionais dessas redes pela construção conjunta e pela generosidade no processo de criar e inovar com o Museu.

Museu da Língua Portuguesa

Dicas para usar este material

este ícone indica início de capítulo

clique neste ícone para voltar ao índice

ou nestes ícones para avançar ou voltar uma página

Início de novo capítulo

Textos grifados assim têm links ativos para páginas da internet ou deste material, é só clicar para acessar

este ícone indica fim de capítulo

ÍNDICE

A mistura que formou nossa lingua 8
Quem inventou as palavras? 10
Somos todos neurodiversos. Somos todos diferentes e iguais, por Renata Battistuzzi 12
Material de apoio aos professores 15
O universo digital, multiletramento e objetos digitais de aprendizagem, por Vanessa Louise Batista 18
Propondo uma atividade para além da sala de aula 25
Campos de atuação possíveis 29
Base Nacional Comum Curricular 30
Planos de aula 40
Plano de aula 1. **A vida fala: ecos bantos brincam com as crianças da roça do Ribeirão Grande** 41
Plano de aula 2. **O papel das mulheres na construção da sociedade brasileira** 54
Plano de aula 3. **Palavras de origem africana: cultura que vive em nós** 57
Plano de aula 4. **O glossário das línguas africanas que influenciam nossa cultura** 63
Plano de aula 5. **Feijoada de palavras do nosso português** 67
Plano de aula 6. **Os falares daqui e de lá: as contribuições das línguas africanas nas brasilidades** 71
Experiências dos professores 81
Relato 1. **Quanta África e história fazem parte de nossa identidade?** 82
Relato 2. **Alimentando nossas origens: do banto ao "brasileiro", um banquete de aprendizagens** 84
Relato 3. **Desenvolvendo um olhar apurado: a construção de minidocumentários sobre a influência das culturas africanas no Brasil** 87
Relato 4. **Vozes africanas no nosso falar** 92

Links utilizados neste material 94

A mistura que formou nossa língua

Entre os séculos de XVI e XIX, foram trazidos para o Brasil entre 4 e 5 milhões de africanos escravizados. Mais da metade deles foi embarcada à força em navios ancorados entre o Gabão e o sul de Angola, bem como na costa de Moçambique. Essa multidão de homens, mulheres e crianças falava línguas aparentadas, do grande grupo linguístico banto. Trazidos como cativos para todo o Brasil, foram povoando a língua portuguesa de palavras novas, nela carimbando seu jeito de viver e de ver o mundo. Hoje, quando dizemos “moleque”, “bunda”, “tanga”, “quindim” ou “quitanda”, estamos ecoando as palavras pronunciadas por essas incontáveis vozes africanas, que – como parte do processo de configuração do perfil do português do Brasil e das diferenças que o afastaram do português de Portugal – trouxeram mais do que aportes de vocabulário. O contato com línguas do grupo banto foi mais profundo, atingindo a sonoridade, o ritmo, a entoação e a estruturação sintática da fala brasileira. Essa influência certamente contribuiu para o falar dos brasileiros. Com diversos tons e diapasões, em um ritmo pendular, binário, falamos de modo mais lento que a enunciação portuguesa, que tem uma pronúncia bem mais consonantal.

A língua portuguesa do Brasil foi gerada nas encruzilhadas dos encontros – voluntários ou compulsórios – entre europeus, africanos e indígenas. Assim se configuraram o Brasil e o português que aqui falamos. Grupos de língua fongbe e iorubá chegaram ao país entre a segunda metade do século XVIII e a primeira do século XIX.

Italianos, espanhóis, japoneses, ingleses, bolivianos, coreanos, entre outros, vieram mais tarde, em diferentes momentos. E eles marcaram nossa formação histórica, social e cultural, bem como nossa língua.

O curto-circuito antropológico de corpos, de signos e de línguas que aqui se deu, com suas misturas incessantes e ainda hoje muito intensas, resultaram no povo e na língua do Brasil, em toda sua originalidade. O Objeto Digital de Aprendizagem (ODA) “Feijoada de palavras” foi criado a partir da experiência “Palavras cruzadas”, com destaque ao totem das línguas banto: “Quicongo, quimbundo e umbundo”. A experiência apresenta de forma interativa as principais línguas e povos que contribuíram para formar a língua portuguesa falada no Brasil.

Nesse espaço expositivo, oito totens retangulares ocupam um espaço central do andar, possuindo, cada um, dois monitores interativos retroiluminados.

SAIBA +

No aplicativo do Museu, você também encontra conteúdos complementares à experiência, como a descrição do espaço, o texto curatorial e os sons dessa experiência, além de um conteúdo especial produzido em Libras. É possível acessá-los clicando aqui.

Quem inventou as palavras?

A concepção e a produção deste material, os vídeos e as informações contidas neste caderno foram construídos em parceria com professores e profissionais da educação das Secretarias Municipais de Educação de Guarulhos, São José dos Campos e Pindamonhangaba. O trabalho seguiu a metodologia de escutas e eixos orientadores da primeira edição do projeto "Na sua escola", que conta com duas edições anteriores, o "Nossa língua do Brasil" e o "Língua da rua. Rua da língua", disponíveis no site do Museu da Língua Portuguesa gratuitamente.

Partindo da premissa da participação colaborativa da comunidade escolar e da perspectiva do uso multidisciplinar, o grupo de trabalho desta edição identificou neste material a possibilidade de transposição do conteúdo e propostas de atividade que não só contemplam a diversidade linguística, de gênero e cultural, mas também os multiletramentos.

A escolha do formato audiovisual já havia sido proposta desde o início do projeto pela aderência do formato ao público juvenil e pela perspectiva de acessibilidade, com menor necessidade de ferramentas tecnológicas e familiaridade pelos professores. A temática a ser tratada neste ODA partiu da ideia de construir um material que representasse a amplitude e a diversidade do acervo do Museu e que estivesse ligado a temas contemporâneos em debate.

Surge, assim, o “Feijoada de palavras”, que tem como proposta promover questões/temas disparadores para discussão e conversas com alunos e professores, dentro e fora da sala aula. O objetivo é que este material seja utilizado por diferentes grupos escolares e proporcione variados usos e diversas camadas de interação.

Quando falamos que a língua muda, pensamos em exemplos de nosso cotidiano: acordos ortográficos, gírias, neologismos, anglicismos e outros processos linguístico-discursivos. No entanto, a verdade é que se as línguas não mudassem, o português não existiria. Conhecida como parte do grupo de línguas neolatinas, a língua portuguesa é fruto de profundas mudanças sistêmicas que se iniciam já nas primeiras variações do latim culto e vulgar. Compreender criticamente esses processos de dimensões histórico-político-sociais, bem como fonológicas, morfológicas, ortográficas e léxico-gramaticais pode ser um passaporte para entender os inúmeros atravessamentos que explicam como chegamos aqui hoje.

Os vídeos foram desenvolvidos com enfoque em diferentes grupos etários: um material voltado ao público infantil, com crianças e animações que ajudam a criar o relacionamento entre o espectador e o vídeo, e um material voltado ao público jovem e adulto, com uma personagem jovem com vocabulário informal e de fácil compreensão. A culinária e a cultura foram a base para a construção dos roteiros, em especial para a apresentação das palavras de origem banto e suas correlações com nosso dia a dia, trazendo cenários como a feira livre, a cozinha e as ruas e as passagens urbanas.

Somos todos neurodiversos. Somos todos diferentes e iguais, por Renata Battistuzzi

Quando fui contactada para participar da ação formativa para as pessoas do Espectro Autista do projeto “Na sua escola”, juntamente com o núcleo do Centro de Referência, uma luzinha acendeu em meu coração, minha mente brilhou e pensei: “Eu preciso ajudar, tem que ser eu a comunicar. Não pode ser outra pessoa, não pode ser uma pessoa com conhecimento raso sobre autismo, não pode ser uma pessoa fora do Espectro, não pode ser uma pessoa sem sentimento de amor pelo que faz”.

Essa empreitada valeria a pena por si só, porque naquele momento eu estava pensando no alcance de um acontecimento destes: desmistificar o autismo para professores que são os profissionais disseminadores e multiplicadores de conhecimento. Eles podem ser os agentes da inclusão, dentro e fora da escola.

O professor, o educador, é aquele que enfrenta as dificuldades de cada aluno, que vê as carências afetivas de cada um, promove a circulação do conhecimento, aguça a curiosidade, proporciona reflexão, abrindo espaço para a troca de informações, proporcionando a formação dos educandos. O professor é uma referência para os alunos. Quando demonstramos que no Espectro Autista existem diferenças na comunicação e na interação social por conta de uma formatação cerebral diferente, e não com prejuízos ou

dificuldades, nós tiramos a pessoa autista do isolamento e a incluímos como parte de nossa sociedade, mais justa e igualitária. Somos todos neurodiversos. Somos todos diferentes e iguais.

Isso significa que devemos começar a ensinar a inclusão pelos professores. Ele é o elo entre o conhecimento e a formação de cada aluno. Quando ele entende como identificar os pontos fortes (interesses específicos ou hiperfocos) de seu aluno autista, ele tem uma poderosa ferramenta de trabalho em suas mãos. Quando ele entende que o aluno autista vê, percebe e sente as coisas de outra forma, e que o entendimento sobre o que é falado pode ter influência direta nas ações daquele autista, nós temos a mudança em sala de aula, e, consequentemente, temos a inclusão por extensão.

Mas como é isso na prática? As acessibilidades físicas são o básico, como rampas, portas mais largas, piso tátil, braile nas placas, Libras, audiodescrição etc. É fundamental. Mas como aplicar acessibilidade emocional para os autistas? Este foi um ponto apresentado nos encontros formativos com os professores deste projeto.

Um fator importante para sempre ter em mente é que o autista, verbal ou não, sempre está lá, escutando, percebendo e absorvendo tudo. Podemos não responder à indagação, principalmente da forma como se espera, de acordo com o que a sociedade neuronormativa espera que se faça. Mas em nossa cabeça, a resposta está lá, ela só não será oralizada naquele momento. Ela pode ser demonstrada por meio de intenções, pequenos gritos, estereotipias (sim, elas são quase a extensão de nossa fala) ou movimentos aparentemente aleatórios que indicam um profundo sentir. O mais importante é sempre lembrar da diferença da comunicação. Ela é fundamental para conseguir estabelecer um diálogo. Ela precisa ser

clara, objetiva e concreta. Só. Diga o que precisa dizer, da forma mais literal possível (literalidade é um ponto crucial). Se você não sabe como iniciar um diálogo com um autista, descubra o que ele gosta de fazer ou falar e comece por aí. Não interrompa. A interrupção nos causa exaustão porque a fala para nós é realmente dificultosa, em qualquer nível de suporte.

A forma de ser, sentir, pensar, agir do autista é diversa e isso precisa ser respeitado. Por quê? Porque a formatação do cérebro é diferente, é sistemático. Portanto, não há certo ou errado aqui. Não há uma única forma correta de pensar aqui. Não existe um tipo de cérebro padrão e correto de existir, como a sociedade neuronormativa tenta impor. É preciso tomar cuidado com o que se acredita ser o certo. Trouxe aqui uma citação da Temple Grandin, de seu livro *O cérebro autista* (2013, p. 189), em que ela resume tão perfeitamente o que eu ensinei na aula inteira. Ah, se eu tivesse o poder de síntese...

> **É um erro colocar crianças no espectro na mesma sala de aula de não autistas e tratá-las todas do mesmo modo. Para crianças do ensino fundamental estar na mesma sala de aula com colegas "normais" é bom para a socialização. O professor pode propor tarefas de alto nível em temas em que a criança sobressai. [E Renata comenta aqui: essa é a inclusão]. Mas se a escola tratar todos do mesmo modo, adivinhe: quem não for igual vai ficar isolado. Essa pessoa será discriminada em sala de aula. Quando isso acontece, não demora para que o aluno seja discriminado para sempre – enviado para uma sala de aula à parte e até para uma escola à parte.**

Material de apoio aos professores

Criei um material extra de apoio aos professores, porque senti que eles não entenderam muito bem como colocar todo o conhecimento proporcionado na prática. Então resolvi dar uma ajuda na forma de pensar. Apesar de que tivemos professores que não só entenderam tudo como também tinham consciência de que precisavam, daqui para a frente, mudar o conceito e a didática para com os alunos autistas. A absorção de um conteúdo muitas vezes não depende apenas do locutor, ainda mais quando esse locutor é justamente uma pessoa autista, que muitos julgam incapaz. Acredito que em alguns casos tenha sido um choque ver alguém como eu ensinando o que é ser eu. Porém, ainda assim acredito na boa indagação: fazer pensar e refletir, é necessário.

Coloco aqui alguns itens levantados por lá: o autista é ordem. Organização é o que nos rege. O mundo é desorganizado. Por isso nos desregulamos com frequência e entramos em crise, porque tudo à nossa volta desmorona, e não segue nossa forma de se organizar. E ninguém entende que precisamos de organização para viver, porque nossos cérebros são extremamente organizados e sistemáticos.

Pensamento sistêmico

+ **1) Aptidão para SISTEMATIZAR**

  É a ordenação e a classificação de diferentes conhecimentos baseados em uma regra ou lógica própria – se a informação sai do

que entendemos por lógica, desregulamos, e então a aflição aparece e, consequentemente, não aprendemos.

+ **2) Aptidão para CODIFICAÇÃO**

São códigos, símbolos (CAA entra bem aqui) e, por consequência, ver tudo por meio de imagens. Também podemos ter a tendência (me incluo) em enumeração, usada para a organização, o que faz uma conexão com o passo a passo.

+ **3) Aptidão para ALINHAMENTO de SEQUÊNCIAS**

Alinhamento é a forma como o autista mais se organiza, entra aqui também a enumeração. Podemos ter o alinhamento por cores e formatos. E, consequentemente, tudo em sequência (continuação e módulos). Podemos usar jogos de montar, empilhar, alinhar, com sequência de cores, formatos iguais e similares (não misturar cones com quadrados, por exemplo).

+ **4) Aptidão para ESTRUTURAS**

Disposição, ordem, ordenamento, distribuição, ordenação, configuração, grids, diagramas (é o famoso passo a passo), conexões. Usar cores para conectar assuntos. As estruturas em forma de diagramas ou grids podem ajudar a explicar uma ideia, teoria, forma de pensar e até a resolver algum problema. Por meio de conexões e balões, podem explicar, por exemplo, regras gramaticais, em que uma ideia se conecta com a outra, e assim usaremos formas geométricas, cor, exemplificando a ideia por meio de uma imagem.

+ **5) Afinidade com o CONCRETO**

  É tudo o que se pode pegar e sentir com as mãos – exemplo: jogos de cartas, em que se vê e se entende a ordem, a estrutura. Precisamos entender como ela funciona.

+ **6) Pensador por IMAGENS**

  Ilustrações, fotos, mapas, desenhos que representem a explicação concreta.

+ **7) Manual de instruções – passo a passo.**

+ **8) Pesquisa – descobrir como funciona.**

+ **9) Espírito especulativo – detetive.**

  Busca compreensão profunda e racional por tudo aquilo que o cerca (por isso leva tempo para conseguir responder ou falar), por meio de reflexão filosófica e questionamento crítico. Teoriza, indaga, não aceita respostas em que não entende o porquê. Procura compreender por meio de projeções do que irá acontecer e, quando não acontece como imaginado, se frustra e desregula.

  As descobertas monitoradas, o ato de pesquisar, investigar e entender, procurar por meio de pistas claras e objetivas, como uma "caça ao tesouro", nos entretêm.

O universo digital, multiletramento e objetos digitais de aprendizagem, por Vanessa Louise Batista

> **A leitura do MUNDO precede a leitura da PALAVRA, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.**
>
> **A importância do ato de ler,** Paulo Feire.

A leitura do mundo atual exige um multiletramento tal que habilite o indivíduo a transitar pelo ciberespaço enquanto se enraíza no espaço, tece relações de pertencimento e age com consciência das dinâmicas do território de vida. É fundamental comunicar-se e construir identidades face à alteridade própria da convivência social e pública. A linguagem é mediadora de tal construção e aponta caminhos para o diálogo entre as diferenças na vida cotidiana.

Cuidar das práticas comunicativas é aliar o letramento enquanto prática social no processo de alfabetização. Assim, a comunicação midiatizada, atravessada pela codificação algorítmica, traz necessidades de um letramento digital capaz de evidenciar as formas comunicativas no ciberespaço: os modos de (re)produção simbólica próprios das semioses, modalidades, ferramentas e técnicas que

o agir no mundo digital supõe. Tais habilidades e competências estão alicerçadas em uma prática de multiletramento, capaz de inserir o sujeito na dimensão digital do mundo contemporâneo.

As características apontadas pelo grupo de pedagogia digital para o sujeito que se insere nesse universo comunicacional são as seguintes:

- **Usuário funcional: competência técnica e conhecimento prático.**
- **Analista crítico: entende que tudo que é dito e estudado é fruto de seleção prévia.**
- **Criador de sentidos: entende como diferentes tipos de texto e de tecnologias operam.**
- **Transformador: usa o que foi aprendido de novos modos.**

Objetos de aprendizagem podem ser digitais, analógicos ou manipulativos:

- **Simples: quando usados individualmente.**
- **Compostos: quando agregam diversas mídias, tais como animação interativa, hipertexto, vídeo, softwares.**

A quantidade de mídia em um ODA não está diretamente relacionada à qualidade pedagógica, mas à demanda de inserção do sujeito aprendente na dinâmica social e comunitária. A necessidade de comunicar-se e de se introduzir no mundo digital traz a possibilidade para a criação de objetos digitais de aprendizagem, visando à formação docente e discente no uso de técnicas e ferramentas apropriadas à navegação e à utilização da internet como um espaço de aprendizagem e construção social.

É preciso considerar especificidades de diferentes mídias, conteúdos e contextos de ensino, assim como suas dimensões técnicas e pedagógicas, características, ferramentas e metodologias. Para a produção de objetos digitais que exijam software próprio, será necessário compor a equipe multidisciplinar de técnicos em desenvolvimento e em mídias, para além de especialistas das áreas envolvidas, pedagogos e professores. Em caso de uso de softwares prontos e disponíveis na internet, professores especializados nas áreas de estudo e investigação e pedagogos podem dar conta de produzi-los, desde que multiletrados.

A dimensão técnica: uso tático da tecnologia; navegação; design.

A dimensão pedagógica: estratégias pedagógicas; didática; linguagem adequada.

Características: interatividade; agregação; identificação por metadados; reusabilidade.

Ferramentas: editores de imagens; de áudio e vídeo; ferramentas de autoria.

Integrando ODAs ao ensino:

- **Infraestrutura disponível:** equipamentos digitais (lousa, computadores, celulares, gravadores portáteis, câmeras de foto e vídeo, entre outros) podem ser considerados em situações específicas e utilizados de modo conjunto ou separadamente, mediante a necessidade pedagógica, a realidade da instituição educacional, dos docentes e dos estudantes envolvidos.

- **Planejamento pedagógico:** de acordo com os objetivos alinhados com o Projeto Político Pedagógico da escola e com o plano de aula,

os ODAs se tornam mediadores da relação ensino-aprendizagem, aproximando-se dos conteúdos, mas também dos métodos de construção do conhecimento.

- **Contexto dos estudantes:** vale incluir a realidade vivida pelos educandos, seus modos de vida, seu território de moradia e/ou de convivência, suas expectativas em relação a uma atividade específica, assim como seus projetos para o futuro.

Os **jogos digitais**, mais conhecidos como games, são exemplos de ODAs e produzem um engajamento interessante em atividades educativas. Contudo, podem ser conjugados com atividades mecânicas e precisam condizer com o contexto de ensino-aprendizagem de acordo com as possibilidades institucionais, grupais e individuais.

Benefícios da gamificação na educação:

- **Desenvolvimento da criatividade, autonomia e colaboração;**
- **Desenvolvimento de habilidades socioemocionais;**
- **Desenvolvimento da capacidade de resolução de problemas;**
- **Exercício das capacidades cognitivas, entre elas a memória e a concentração;**
- **Maior participação dos estudantes em sala de aula;**
- **Maior interação e diálogo entre os colegas;**
- **Maior retenção do conteúdo;**
- **Melhora do desempenho nas avaliações.**

Para os professores, uma escola gamificada significa:

- **Facilidade na segmentação do conteúdo que será trabalhado em aula;**
- **Feedback instantâneo do aprendizado;**
- **Possibilidade de trabalhar um conteúdo multidisciplinar, que aborde temas transversais.**

As metodologias adotadas podem considerar não apenas o uso de computadores e smartphones como forma de engajar os estudantes em alguma atividade, mas também podem conjugá-los com outros modos de construir conhecimento e permear a percepção e as sensações dos participantes, tais como:

- **Recursos de luz e sombra;**
- **Projeção de imagens conhecidas, desconhecidas ou passíveis de reconhecimento;**
- **Produção de fotografias;**
- **Produção de imagens em movimento;**
- **Edição das imagens para melhoria da qualidade visual;**
- **Editoração de sequências de imagens paradas ou em movimento para confecção de vídeos;**
- **Exploração dos ambientes de convivência dos estudantes para a produção de registros;**
- **Exposição das produções elaboradas por cada estudante ou grupo organizado para a execução da atividade proposta;**

- **Gravação com dispositivos móveis usuais podem registrar: depoimentos, entrevistas, cantigas, causos, ditados, histórias, receitas, lembranças, leitura de texto, efeitos da natureza, ruídos das ruas.**

Vale ressaltar a ética do projeto e o plano pedagógico que merecem atenção docente e discente quanto à:

1. Privacidade e compartilhamento

- **Curadoria dos sites, blogs, vídeos etc.;**
- **Reflexão sobre a contextualização da produção e do universo digital midiático;**
- **Diálogo sobre a produção da atividade (seja com pais e/ou estudantes): compromisso, privacidade, riscos, respeito mútuo;**
- **Responsabilidade com e reconhecimento da alteridade.**

2. Produção do ensino atrelado à produção de conhecimento e aplicação de metodologias e resultados

- **Consentimento dos sujeitos;**
- **Apropriação e reconhecimento territorial;**
- **Conexões com histórias de vida;**
- **Ensino e pesquisa – ação – cidadania;**
- **O lugar de fala e/ou de pertencimento.**

O mundo digital auxilia na produção e veicula muitos dos conhecimentos que se produz nos espaços de excelência do saber científico e dos saberes populares. Contudo, não substitui a interação presencial, que resguarda o tom afetivo e ético do processo de construção das identidades e da cidadania dentro e fora da escola.

Docentes são agentes imprescindíveis e merecem reconhecimento e respeito por seus modos de lecionar, de se vincular aos/às educandos/as, além de ocupar lugar fundamental na construção do projeto de sociedade. Essa autoridade, máquina nenhuma poderá retirar deles, mas sim auxiliá-los, transpondo barreiras de linguagem e geracionais, a fim de alcançar com mais amplitude e profundidade as mentes e os corações dos que se dispõem a aprender.

Propondo uma atividade para além da sala de aula

Como parte integrante deste ODA, foi proposto que os professores e educadores trabalhassem junto aos alunos uma determinada atividade. A proposta é que os materiais funcionem como um desdobramento para a ação, com base no que foi visto e discutido nos vídeos "Feijoada de palavras – infantil" e "Feijoada de palavras – jovem". A edição alterna a linguagem de documentário clássica para uma linguagem das redes sociais, como de Reels e TikTok, com os recortes em módulos e diferentes camadas de som e imagem.

Nos vídeos, as personagens principais convidam o espectador a pensar sobre o surgimento das palavras que usamos no cotidiano e suas etimologias. A proposta é que espectadores, alunos e professores possam partir de questões trazidas no material e pensar a respeito das raízes e dos futuros da língua portuguesa do Brasil. Como proposta de desenvolvimento de projetos, algumas questões que podem ajudar a encaminhar a atenção e a ativar as reflexões são:

- **Por que será que mingau se chama mingau?**
- **Quem será que inventou as palavras?**
- **A palavras não foram inventadas por uma pessoa só, sabia?**
- **Banguela, mingau, quindim, xodó e moleque. Conseguem adivinhar de onde vieram estas palavras?**
- **Há muitas palavras de origem africana presentes em nossa vida.**

- **Já parou para pensar como nossa língua portuguesa é uma feijoada de palavras? Uma tremenda mistura!**
- **A língua que a gente conhece hoje começou a se unificar de uma forma bem triste, cheia de conflitos, e nunca parou de chegar gente para engrossar esse caldo.**
- **Imagina quantas palavras foram jogadas nesse caldeirão?**
- **Feijoada é um prato português ou africano?**

Com essas perguntas, o vídeo propõe aos alunos e professores que desenvolvam uma atividade sobre o tema no formato que desejarem e compartilhem com o Museu. É um desejo que os trabalhos realizados pelos alunos sejam referenciados no site da instituição e possam ser acessados por outros alunos e professores, estimulando a produção e a troca com estudantes de diferentes regiões do país.

Compartilhe com o Museu da Língua Portuguesa

Os trabalhos desenvolvidos pelos alunos com base neste material podem ser compartilhados com o Museu. A proposta é que eles possam ser referenciados pelo Museu da Língua Portuguesa, ampliando seu acervo e gerando novos conteúdos, podendo ser disponibilizados em seus canais oficiais. Você pode compartilhar esses trabalhos clicando aqui.

Aqui, sugerimos alguns formatos possíveis para a construção desses trabalhos:

Áudio/Podcast: hoje é possível realizar gravaçõesde boa qualidade com aparelhos celulares simples, bastando escolher locais mais silenciosos e direcionar a saída do microfone para quem está falando. Há na internet diversos softwares de edição de áudio gratuitos e de fácil manipulação, como o Audacity e o Audio Cutter – este último possibilita a edição on-line, sem necessidade de download. Caso planejem uma temporada de um podcast, sugerimos episódios curtos, com a participação de convidados e diversidades de vozes (aqui, a possibilidade de trabalhar com áudios gravados por meio do WhatsApp é uma importante ferramenta para captar pessoas de diferentes regiões).

Vídeo: os vídeos necessitam de um pouco mais de dedicação, especialmente na edição do material gravado. Gravações por celulares com uma boa iluminação natural funcionam bem. Há também a possibilidade de criar montagens com imagens, áudios e depoimentos que se complementem, gerando vídeos interessantes e dinâmicos. Ferramentas de redes sociais como TikTok e Instagram possibilitam a edição de vídeos curtos, enquanto o Wondershare Filmora e o Windows Movie Maker funcionam para a edição no computador. Há aplicativos para celular, como o KineMaster e o InShot, que também desempenham um bom papel.

Cartazes: ocupar os espaços da escola com cartazes e materiais visuais pode ser uma sugestão de execução simples e de impacto para troca com a comunidade escolar. Para criar materiais com maior apelo visual de forma simples, ferramentas como o Canva ajudam na composição de materiais visuais que podem ser ajustados conforme a proposta da atividade.

Aplicativos: outra proposta é a construção colaborativa de painéis digitais ou jogos do tipo trivia. Podem ser utilizadas ferramentas como o Padlet, que permite criar diversos quadros virtuais que podem ser construídos colaborativamente entre grupos de alunos ou com outras turmas, enquanto o Kahoot! e o Mentimeter permitem gamificar atividades com *quizzes* e questionários que apresentam respostas em tempo real.

Campos de atuação possíveis

Muitas são as possibilidades de exploração das doze experiências da exposição principal do MLP que podem contemplar as aprendizagens previstas pela BNCC. Desde as mais salientes – a exploração do fenômeno da variação linguística e de seus diferentes tipos, de variedades linguísticas e do preconceito linguístico, a análise situada de diferentes níveis de análise linguística (fonologia, morfologia, sintaxe e semântica) e a exploração dos multiletramentos (dado que a maioria das produções são multissemióticas e multimidiáticas, e o multiculturalismo se faz presente nos diferentes povos, etnias, culturas, comunidades, grupos sociais e identitários no que tange a gênero, cor e classe representados) – até a proposição de atividades de fruição, análise, apreciação e repercussão dos textos e produções próprias do campo artístico-literário.

Nesse sentido, o conteúdo apresentado neste material se vincula principalmente ao campo de práticas de estudo, pesquisa e atuação na vida pública, fornecendo a alunos e professores a oportunidade de investigar as transformações no sistema linguístico ao longo do tempo e sua relação com acontecimentos da esfera pública e privada de nossos antepassados. Seja como meio para a veiculação de vários usos e discursos sobre a língua, seja como obra/produção cultural e artística em si mesmo, as obras das experiências permitem a exploração de diversas formas de construir sentidos envolvendo diferentes linguagens.

Aqui, compartilhamos algumas das habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que se relacionam com o conteúdo deste material. ▶

Base Nacional Comum Curricular

EF02GE02	Descrever processos migratórios e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira. ▶ Plano de Aula 1
EF02GE04	Reconhecer especificidades e analisar a interdependência do campo e da cidade, considerando fluxos econômicos, de informações, de ideias e de pessoas. ▶ Plano de Aula 1
EF03HI03	Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes. ▶ Plano de Aula 3
EF03HI07	Identificar semelhanças e diferenças existentes entre comunidades de sua cidade ou região, e descrever o papel dos diferentes grupos sociais que as formam. ▶ Plano de Aula 1
EF04GE01	Selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afro-brasileiras, de outras regiões do país, latino-americanas, europeias, asiáticas etc.), valorizando o que é próprio em cada uma delas e sua contribuição para a formação da cultura local, regional e brasileira. ▶ Plano de Aula 1
EF04GE06	Identificar e descrever territórios étnico-culturais existentes no Brasil, tais como terras indígenas e de comunidades remanescentes de quilombos, reconhecendo a legitimidade da demarcação desses territórios. ▶ Plano de Aula 1
EF04HI01	Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo. ▶ Plano de Aula 1
EF04HI02	Identificar mudanças e permanências ao longo do tempo, discutindo os sentidos dos grandes marcos da história da humanidade (nomadismo, desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, criação da indústria etc.). ▶ Plano de Aula 1
EF04HI04	Identificar as relações entre os indivíduos e a natureza e discutir o significado do nomadismo e da fixação das primeiras comunidades humanas. ▶ Plano de Aula 1

Base Nacional Comum Curricular

EF04HI05	Relacionar os processos de ocupação do campo a intervenções na natureza, avaliando os resultados dessas intervenções. ▶ Plano de Aula 1
EF04HI09	Identificar as motivações dos processos migratórios em diferentes tempos e espaços e avaliar o papel desempenhado pela migração nas regiões de destino. ▶ Plano de Aula 1
EF04HI10	Analisar diferentes fluxos populacionais e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira. ▶ Plano de Aula 1
EF04HI11	Analisar, na sociedade em que vive, a existência ou não de mudanças associadas à migração (interna e internacional). ▶ Plano de Aula 1
EF04LP03	Localizar palavras no dicionário para esclarecer significados, reconhecendo o significado mais plausível para o contexto que deu origem à consulta. ▶ Plano de Aula 1 e ▶ Plano de Aula 3
EF04LP09	Ler e compreender, com autonomia, boletos, faturas e carnês, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções do gênero (campos, itens elencados, medidas de consumo, código de barras) e considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto. ▶ Plano de Aula 1
EF04LP13	Identificar e reproduzir, em textos injuntivos instrucionais (instruções de jogos digitais ou impressos), a formatação própria desses textos (verbos imperativos, indicação de passos a ser seguidos) e formato específico dos textos orais ou escritos desses gêneros (lista/apresentação de materiais e instruções/passos de jogo). ▶ Plano de Aula 1
EF05GE02	Identificar diferenças étnico-raciais e étnico-culturais e desigualdades sociais entre grupos em diferentes territórios. ▶ Plano de Aula 1
EF05LP15	Ler/assistir e compreender, com autonomia, notícias, reportagens, vídeos em blogs argumentativos, dentre outros gêneros do campo político-cidadão, de acordo com as convenções dos gêneros e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto. ▶ Plano de Aula 3
EF07LI23	Reconhecer a variação linguística como manifestação de formas de pensar e expressar o mundo.

Base Nacional Comum Curricular

EF07LP03	Formar, com base em palavras primitivas, palavras derivadas com os prefixos e sufixos mais produtivos no português. ▶ Plano de Aula 1
EF08GE36	Investigar a importância da população afrodescendente na identidade cultural americana, com foco no Brasil. ▶ Plano de Aula 4
EF08HI34	Analisar as contribuições africanas, afro-brasileiras e indígenas em nossa cultura. ▶ Plano de Aula 4
EF08LP01	Identificar e comparar as várias editorias de jornais impressos e digitais e de sites noticiosos, de forma a refletir sobre os tipos de fato que são noticiados e comentados, as escolhas sobre o que noticiar e o que não noticiar e o destaque/enfoque dado e a fidedignidade da informação. ▶ Plano de Aula 2
EF08LP05	Analisar processos de formação de palavras por composição (aglutinação e justaposição), apropriando-se de regras básicas de uso do hífen em palavras compostas. ▶ Plano de Aula 2
EF08LP08	Identificar, em textos lidos ou de produção própria, verbos na voz ativa e na voz passiva, interpretando os efeitos de sentido de sujeito ativo e passivo (agente da passiva). ▶ Plano de Aula 2
EF09LP07	Reconhecer, em documentários, as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico, considerando as condições de produção do texto. ▶ Plano de Aula 6
EF12LP04	Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor ou já com certa autonomia, listas, agendas, calendários, avisos, convites, receitas, instruções de montagem (digitais ou impressos), dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto e relacionando sua forma de organização à sua finalidade. ▶ Plano de Aula 1
EF15AR24	Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais. ▶ Plano de Aula 5
EF15AR25	Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas. ▶ Plano de Aula 5

Base Nacional Comum Curricular

EF15AR26	Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística. ▶ Plano de Aula 5
EF15LP01	Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam. ▶ Plano de Aula 1
EF15LP08	Utilizar software, inclusive programas de edição de texto, para editar e publicar os textos produzidos, explorando os recursos multissemióticos disponíveis. ▶ Plano de Aula 1
EF15LP09	Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado. ▶ Plano de Aula 1
EF15LP10	Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário. ▶ Plano de Aula 1
EF15LP11	Reconhecer características da conversação espontânea presencial, respeitando os turnos de fala, selecionando e utilizando, durante a conversação, formas de tratamento adequadas, de acordo com a situação e a posição do interlocutor. ▶ Plano de Aula 1
EF15LP15	Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade. ▶ Plano de Aula 1
EF35EF09	Experimentar, recriar e fruir danças populares do Brasil e do mundo e danças de matriz indígena e africana, valorizando e respeitando os diferentes sentidos e significados dessas danças em suas culturas de origem. ▶ Plano de Aula 3
EF35LP01	Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado. ▶ Plano de Aula 1

Base Nacional Comum Curricular

EF35LP02	Selecionar livros da biblioteca e/ou do cantinho de leitura da sala de aula e/ou disponíveis em meios digitais para leitura individual, justificando a escolha e compartilhando com os colegas sua opinião, após a leitura. ▶ Plano de Aula 3
EF35LP03	Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global. ▶ Plano de Aula 1
EF35LP05	Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto. ▶ Plano de Aula 1 e ▶ Plano de Aula 3
EF35LP11	Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos. ▶ Plano de Aula 3
EF35LP15	Opinar e defender ponto de vista sobre tema polêmico relacionado a situações vivenciadas na escola e/ou na comunidade, utilizando registro formal e estrutura adequada à argumentação, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto. ▶ Plano de Aula 3
EF35LP18	Escutar, com atenção, apresentações de trabalhos realizados por colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário. ▶ Plano de Aula 3
EF35LP19	Recuperar as ideias principais em situações formais de escuta de exposições, apresentações e palestras. ▶ Plano de Aula 1
EF35LP20	Expor trabalhos ou pesquisas escolares, em sala de aula, com apoio de recursos multissemióticos (imagens, sons, vídeos, etc.), orientando-se por roteiro escrito, planejando o tempo de fala e adequando a linguagem à situação comunicativa. ▶ Plano de Aula 3
EF69LP01	Diferenciar liberdade de expressão de discurso de ódio, ao analisar na narrativa visual, depoimentos, conversas, entrevistas, entre outras formas de manifestação de opinião. ▶ Plano de Aula 6

Base Nacional Comum Curricular

EF69LP07	Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando e alterando efeitos, ordenamentos etc. ▶ Plano de Aula 2
EF69LP11	Assistir a documentários de diferentes tipos, atentando-se para as condições de produção do discurso, compreendendo o tema em pauta e o ponto de vista do documentarista e de outros participantes do produto audiovisual (em entrevistas, depoimentos, conversas, por exemplo), posicionando-se frente à narrativa. ▶ Plano de Aula 6
EF69LP16	Analisar e utilizar as formas de composição dos gêneros jornalísticos da ordem do relatar, tais como notícias (pirâmide invertida no impresso X blocos noticiosos hipertextuais e hipermidiáticos no digital, que também pode contar com imagens de vários tipos, vídeos, gravações de áudio etc.), da ordem do argumentar, tais como artigos de opinião e editorial (contextualização, defesa de tese/opinião e uso de argumentos) e das entrevistas: apresentação e contextualização do entrevistado e do tema, estrutura pergunta e resposta etc. ▶ Plano de Aula 2
EF69LP19	Analisar, em gêneros orais que envolvam argumentação, os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como a pausa, a entonação, o ritmo, a gestualidade e expressão facial, as hesitações etc. ▶ Plano de Aula 2
EF69LP35	Retomar as principais características do roteiro e do documentário para a elaboração de uma lista de constatações (critérios de avaliação) que oriente a escrita do texto. ▶ Plano de Aula 6

Base Nacional Comum Curricular

EF69LP38	Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou slides de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas.
EF69LP44	Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. ▶ Plano de Aula 2
EF69LP46	Participar de práticas de compartilhamento de documentários diversos, sobre temas de interesse dos alunos, para conhecimento do gênero textual (suas características), que será foco da produção audiovisual. ▶ Plano de Aula 2 e ▶ Plano de Aula 6
EF69LP47	Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo. ▶ Plano de Aula 2
EF69LP49	Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor. ▶ Plano de Aula 2

Base Nacional Comum Curricular

EF69LP53	Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infanto-juvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de audiobooks de textos literários diversos ou de podcasts de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão. ▶ Plano de Aula 2
EF69LP55	Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. ▶ Plano de Aula 2
EF69LP56	Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada. ▶ Plano de Aula 2
EF89LP01	Analisar os interesses que movem o campo jornalístico, os efeitos das novas tecnologias no campo e as condições que fazem da informação uma mercadoria, de forma a poder desenvolver uma atitude crítica frente aos textos jornalísticos. ▶ Plano de Aula 2

Base Nacional Comum Curricular

EF89LP02	Analisar diferentes práticas (curtir, compartilhar, comentar, curar etc.) e textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital (meme, gif, comentário, charge digital etc.) envolvidos no trato com a informação e opinião, de forma a possibilitar uma presença mais crítica e ética nas redes. ▶ Plano de Aula 2
EF89LP04	Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e implícitos, argumentos e contra-argumentos em textos argumentativos do campo (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), posicionando-se frente à questão controversa de forma sustentada. ▶ Plano de Aula 2
EF89LP09	Produzir reportagem impressa, com título, linha fina (optativa), organização composicional (expositiva, interpretativa e/ou opinativa), progressão temática e uso de recursos linguísticos compatíveis com as escolhas feitas e reportagens multimidiáticas, tendo em vista as condições de produção, as características do gênero, os recursos e mídias disponíveis, sua organização hipertextual e o manejo adequado de recursos de captação e edição de áudio e imagem e adequação à norma-padrão. ▶ Plano de Aula 2
EF89LP11	Produzir, revisar e editar peças e campanhas publicitárias, envolvendo o uso articulado e complementar de diferentes peças publicitárias: cartaz, banner, indoor, folheto, panfleto, anúncio de jornal/revista, para internet, spot, propaganda de rádio, TV, a partir da escolha da questão/problema/causa significativa para a escola e/ou a comunidade escolar, da definição do público-alvo, das peças que serão produzidas, das estratégias de persuasão e convencimento que serão utilizadas. ▶ Plano de Aula 2
EF89LP25	Divulgar resultados de pesquisas por meio da produção – em grupo – de um minidocumentário, preferencialmente expositivo, utilizando, dentre outros equipamentos, o próprio celular. ▶ Plano de Aula 6
EF89LP26	Produzir resenhas, a partir das notas e/ou esquemas feitos, com o manejo adequado das vozes envolvidas (do resenhador, do autor da obra e, se for o caso, também dos autores citados na obra resenhada), por meio do uso de paráfrases, marcas do discurso reportado e citações. ▶ Plano de Aula 2

Base Nacional Comum Curricular

EF89LP28	Tomar nota dos conhecimentos construídos ao longo das atividades de compartilhamento, análise e discussão de documentários. ▶ Plano de Aula 6
EF89LP30	Analisar a estrutura de hipertexto e hiperlinks em textos de divulgação científica que circulam na Web e proceder à remissão a conceitos e relações por meio de links. ▶ Plano de Aula 2
EF89LP32	Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música), quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original e paródias, paráfrases, pastiches, trailer honesto, vídeos-minuto, vidding, dentre outros. ▶ Plano de Aula 2
EF89LP33	Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. ▶ Plano de Aula 2
EI03EO03	Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação. ▶ Plano de Aula 1
EI03EO04	Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos. ▶ Plano de Aula 1

Planos de Aula

Plano de Aula 1 – A vida fala: ecos bantos brincam com as crianças da roça do Ribeirão Grande

Realização

Aline Lopes e Lima
EM Professora Maria Apparecida Camargo de Souza

Município

Pindamonhangaba

Apresentação

A proposta pedagógica iniciou-se com sensibilizações iniciais sobre a riqueza linguística e cultural do Brasil, enfatizando-se as variações locais da criança e da família do meio rural. O projeto integrador "A vida fala" permitiu articular conteúdos de língua portuguesa, geografia, história e ciências previstos para os anos iniciais do Ensino Fundamental com propostas transversais apoiadas pela rede municipal de ensino, como o Jovens Empreendedores Primeiros Passos (Jeep-Sebrae) e o programa "Na sua escola", do Museu da Língua Portuguesa (MLP).

A biocultura tornou-se o ponto de contato das atividades planejadas sendo tecida por produções criativas tanto da docente, regente da turma do 4º ano, quanto das turmas participantes (4º e 5º

anos). Para a compreensão pelas crianças sobre a interculturalidade Brasil-África, a estratégia pedagógica utilizada foi a de aulas expositivas dialogadas entremeadas pela produção de jogos digitais pelos grupos de estudantes e pelo brincar com jogos do estilo *matching*, como o jogo comercial Dobble, confeccionados para a identificação ou a aquisição de palavras de etimologia banta.

Objetivos

- Conhecer os processos históricos que levaram à formação do povo brasileiro, sua língua e suas culturas, e seus reflexos no contexto local;
- Refletir, identificar e reconhecer palavras e expressões de povos diversos, sobretudo banto, que compõem o país, relacionando com o contexto local;
- Identificar e registrar, na comunidade escolar do bairro Ribeirão Grande, palavras e expressões diversas relacionadas às tradições rurais (caipira, indígena e/ou africana);
- Compreender a estruturação comum das palavras (radicais e derivados) e a origem étnica interligada a concepções culturais e sociais de determinada comunidade;
- Compreender, por meio de exemplos de palavras bantas (listadas para o Ensino Fundamental), o valor biocultural das etnias africanas a partir do tratamento específico da natureza, seus elementos, da biodiversidade, de artefatos e utensílios das artes (música, danças, gastronomia etc.);
- Valorizar e iniciar um processo de familiarização e aproximação com a filosofia, produções artísticas e a literatura africana e

afro-brasileira;

- Valorizar os diferentes modos de falar local, a diversidade linguística e as etnias africanas e indígenas que caracterizam e diferenciam a língua portuguesa do Brasil, reconhecendo e combatendo preconceitos no nível local.

Grupo escolar trabalhado

4º e 5º anos – Ensino Fundamental I

Habilidades da BNCC e Diretrizes curriculares da educação municipal

(EF04HI05), (EF04HI01), (EF04HI09), (EF04HI02), (EF04HI04), (EF04HI10), (EF04HI11), (EF03HI07), (EF04GE06), (EF02GE04), (EF02GE02), (EF04GE01), (EF05GE02), (EF04LP03), (EF04LP09), (EF12LP04), (EF15LP08), (EF04LP13), (EF07LP03), (EF15LP10), (EF35LP19), (EF15LP09), (EF15LP11), (EF15LP15), (EF15LP01), (EF15LP09), (EF35LP03), (EF35LP05), (EF35LP01), (EI03EO03), (EI03EO04).

Desenvolvimento

- **Sensibilizações e preparativos para o mês especial "Agosto Banto"**

- As aulas de língua portuguesa do 4º ano, desde o início do ano letivo, comunicaram sobre a diversidade e as variações linguísticas existentes no Brasil, enfatizando a especificidade local rural, caipira. Já no 1º bimestre as atividades regulares valorizaram a expressão e a escrita de "causos", envolvendo pesquisas com os familiares sobre a cultura rural local, palavras e expressões próprias (caipiras, nordestinas etc.), bem como a história de vida dos familiares próximos ou mais antigos (avós e pais), trazendo suas origens e relações com o meio rural. Os

registros pelas crianças foram feitos no caderno, individualmente, e lidos durante as trocas de leituras semanalmente (roda de leitores e autores). A escolha de livros do acervo escolar permitiu também, desde o início do ano, a inclusão de lendas africanas, que contou com releituras e encenação em sala pela turma.

- Diante da filosofia e das cosmologias indígenas e africanas, que também influenciam o universo caipira na integração com a natureza, desenvolvi um jogo de cartas para valorizar a biocultura local e estimular a autonomia, o raciocínio ágil e os laços de amizade, o EcoCaipira (no estilo da lógica do Dobble). Esse fez muito sucesso na turma e, naturalmente, segui na produção da mesma série de jogo, criando o EcoBanto, para aplicar na sequência que planejava para agosto, de forma a articulá-lo conjuntamente com as proposições do projeto "Na sua escola", do MLP.

- As cartas do EcoCaipira e do EcoBanto foram confeccionadas em formato circular (com 15 cm de diâmetro), para a aplicação, visando também atividades no âmbito do Atendimento Educacional Especializado (AEE), sendo, inclusive, inicialmente motivadas para esse fim, centrando no desenvolvimento da concentração e da autonomia dos estudantes com defasagem. O jogo infantil conta com 31 cartas, cada qual com seis imagens fotográficas de objetos, elementos e paisagem típicos das roças do bairro, de Ribeirão Grande (EcoCaipira) ou da biocultura banto (EcoBanto). As fotografias reais dos elementos, em fundo branco, o mais objetivo possível, foram selecionadas do Google Imagens para permitir o contato da criança com uma imagem real e natural, a fim de adquirir o contato visual direto e o vocabulário específico sobre

espécies biológicas, instrumentos, utilitários, recursos, entre outros.

- As crianças acompanharam todas as etapas de produção dos jogos. No EcoCaipira, participaram das etapas iniciais de planejamento, compondo uma lista de "coisas típicas da nossa roça" no quadro branco que comparamos com a lista das imagens que pensei incluir nas cartas. Foram selecionadas 31 fotografias no total, em cada jogo, sendo seis distribuídas em um arranjo circular, considerando a legenda numerada das fotos para compor as combinações de cada carta que compuseram uma das folhas para a impressão colorida. As escolhas feitas relacionam-se aos fins pedagógicos gerais intencionados no jogo: a aquisição de concentração, interpretação visual e oralidade espontânea, autônoma e veloz, bem como o ganho de vocabulário e a identificação específica de elementos.

- **Agosto Banto (duração de 50 minutos cada)**

Aula 1 – Expositiva dialogada:

- Retomada sobre a importância do continente africano para a humanidade, utilizando o livro didático *Entrelaços*.

Aula 2 – Reflexões sobre a língua portuguesa, apresentação do MLP e do vídeo "Feijoada de Palavras – infantil":

- Aula expositiva dialogada sobre o Museu da Língua Portuguesa; roda de conversa sobre a ocupação portuguesa, origem da língua

portuguesa e dinâmicas linguísticas – reflexões sobre a constituição do povo e da cultura brasileira. Apresentação do vídeo "Feijoada de palavras – infantil" para os estudantes do 4º e 5º anos, incentivados a, na primeira apresentação, apenas assisti-lo, e, na segunda apresentação, tomar notas realizando um registro individual no caderno sobre as impressões e as aprendizagens. Alguns expressaram o desejo de gravar um depoimento em vídeo.

Aula 3 – Palavras do banto africano na língua portuguesa do Brasil – vídeo "Feijoada de palavras – jovem":

- Apresentação do segundo ODA, o vídeo "Feijoada de palavras – jovem", seguido de roda de conversa – com registros sobre percepções, dúvidas, conteúdo, personagens, palavras que desconheciam ser de origem africana. Respondendo às demandas das crianças, foi necessário retomar o globo terrestre, reposicionar os continentes, apresentar o mapa da África, abordando as principais regiões e países de origem das pessoas escravizadas, dialogando sobre a história da formação do povo brasileiro, as navegações, os comércios, as invasões e o processo de ocupação dos territórios africanos e americanos pelos portugueses.

Aula 4 – História e literatura Brasil-África:

- Estudo dos livros didáticos de Ciências Humanas *Entrelaços* e *Livro do estudante – Currículo em ação*. Roda de leitura e conversa, ao redor do "espaço sagrado" da leitura no centro

para a relembrança dos contos selecionados e lidos anteriormente da obra *Histórias da África*, de Gcina Mhlophe, e leitura coletiva do *O marimbondo do Quilombo*, de Heloisa Pires Lima, ilustrado por Rubem Filho.

Aula 5 – Organização dos grupos para estudo das palavras de origem banta para a produção dos jogos digitais relacionado:

- Os estudantes foram apresentados à proposta de criação de um jogo digital sobre as palavras de origem banta relacionadas a um interesse e a uma temática escolhida pelo grupo. Defini a lista a partir do estudo de palavras que considerei curiosas e divertidas para o Ensino Fundamental, extraídas do *Novo dicionário banto do Brasil*. Essa lista foi disponibilizada impressa para cada estudante. Os grupos discutiram suas propostas e investigaram os recursos para produzir jogos no Wordwall. Após discussões e produções mais avançadas entre os grupos, exemplifico com um modelo de game de correlação da palavra escrita com sua respectiva imagem. As crianças jogam, em duplas, na lousa digital, e retornam ao trabalho em grupo no Chromebook.

Aula 6 – Finalizações, consulta de verbetes para a testagem dos jogos do banto:

- As crianças ajustam e testam os jogos um do outro no Wordwall, fazendo correções após eventuais consultas aos dicionários de português e do banto do Brasil. Crianças do 4º ano relembram as relações com as variações linguísticas do caipira local e jogam algumas partidas do jogo EcoCaipira, de forma mais

individualizada, como “batata quente”, ensinada pela docente. O tratamento específico das figuras pelos nomes específicos é retomado e lembrado como regra a ser aplicada também no jogo EcoBanto.

Aulas 7 e 8 – Teste dos jogos na lousa digital pelos grupos e primeiro teste do EcoBanto:

- A fim de concluir a fase de produção, a aula das sextas sobre ciências abordou os aspectos filosóficos da cultura africana, com entendimentos éticos diretamente relacionados à biodiversidade e à natureza, utilizando-se de aula expositiva dialogada complementar. Após roda de conversa, os grupos testaram e realizaram os últimos ajustes de seus jogos para a apresentação final e a “Manhã dos jogos bantos”. O jogo de carta EcoBanto foi testado pela primeira vez pelo 4º ano no estilo “batata quente”.

Aulas 9 e 10 – Aula expositiva dialogada sobre os povos falantes das línguas bantas e interculturalidade e jogo EcoBanto:

- A aula expositiva trouxe os três ramos gerais de línguas africanas: malês, banto e iorubás, com destaque para os dois últimos pela maior interculturalidade, dado os territórios originais dos africanos trazidos ao Brasil. O mapa do continente africano foi apresentado na lousa digital e o diálogo com os estudantes dos 4º e do 5º anos foi estabelecido. Apresentei o vídeo da poetisa moçambicana Énia Lipanga e o podcast “Falando banto”.

Aula 11 – Intercâmbio dos jogos digitais e correções para a edição final:

- Todos os jogos digitais dos grupos foram jogados por cada estudante, individualmente. As crianças testaram jogos em diferentes formatos, tiraram suas dúvidas e deram sugestões, incluindo descobertas interessantes quanto a novos modos de jogar disponíveis, ainda que na versão gratuita do Wordwall.

Aulas 12 e 13 – Apresentações finais dos grupos e "Manhã dos jogos bantos":

- Exigindo mais tempo que o esperado inicialmente na sequência pedagógica inicial, foi necessária a inclusão de uma aula adicional, para que os grupos apresentassem seus jogos, suas ideias, suas propostas, suas formas de regra ou o modelo principal de jogo, o tema e as razões da escolha. Após a apresentação final, uma aula foi disponibilizada para o jogo de livre escolha.

Aulas 14 e 15 – Rodas de leituras e novas partidas do jogo EcoBanto:

- Novas obras da literatura africana ou afro-brasileira foram trazidas, de forma livre, pelos estudantes do 4º ano (como o *ABC do continente Africano* e *Lendas da África moderna*) e dialogadas em roda de conversa durante as aulas de língua portuguesa. Novas partidas foram realizadas do jogo EcoBanto a pedido das crianças dos 4º e 5º anos.

Reflexão final

A sequência didática favoreceu o cumprimento dos objetivos pedagógicos e os conteúdos para a identificação e a valorização da cultura banta foram compreendidos pelas turmas. A vivência de longa exposição das crianças aos temas, sempre fazendo retomadas de forma gradual e dialogadas, permitiu atender às dúvidas dos estudantes, sem perder de vista as expectativas de ensino das atividades planejadas. O tempo adicional necessário foi garantido de acordo com a disponibilidade e a flexibilidade dos horários de planejamento dos docentes, utilizando aulas adicionais de ciências, às sextas-feiras. O retrato geral das práticas descritas nas etapas e nas aulas é evidenciado no vídeo "A fala: ecos bantos brincam na escola do Ribeirão, Pindamonhangaba – SP", que compila alguns registros feitos da aplicação da sequência didática.

É notável a abertura e o interesse das turmas pelos temas, a motivação e o empenho dos estudantes nas mais diversas atividades propostas, nas aulas dialogadas, desde o planejamento dos próprios jogos em grupos até a apresentação final, bem como nas vivências do brincar em duplas, trios ou grupos maiores, ou mesmo individualmente, testando o próprio jogo e os dos demais grupos. As pontes com outros conteúdos, de ciências, do empreendedorismo, por exemplo, ocorreram espontaneamente e foram manifestadas pelas crianças, demonstrando a aquisição de habilidades e conteúdos integrados.

Sobre a aplicação dos jogos de cartas EcoCaipira e EcoBanto, vale destacar que ela favoreceu o desenvolvimento da concentração, da interpretação de imagem e da oralidade autônoma, e a valorização biocultural local e banta nas turmas. A empolgação pelo brincar e a aquisição rápida de vocabulários

específicos foram observados. Mesmo após o impacto da novidade da estreia do jogo, as crianças mantiveram níveis crescentes de empolgação e de aprendizagem, como era pretendido, e se divertiram muito em grupo, criando até mesmo novas regras e possibilidades de jogo. O jogo EcoBanto atendeu às expectativas de ensino de toda a turma e ao atendimento específico para o caso da necessidade de ensino adaptado. No 4º ano, há desafios pedagógicos postos principalmente quando se constata intensa dependência do estudante em relação à intervenção docente, no sentido do "certo e errado" e da indicação "do que deve ser copiado".

O jogo integrou toda a turma, em todas as partidas e formatos jogados, inclusive, no estilo mais competitivo como "batata quente". A felicidade do brincar e o modo de participar, sem ser possível "copiar ninguém" – já que o jogo não permite algo que não seja a própria interpretação e a oralidade pessoal, com rapidez –, favoreceram a autoestima e o saber respeitar para estar com o outro sem conflitos. Avanços interpessoais foram notados na turma toda, favorecendo a interação mesmo entre as crianças com conflitos interfamiliares antigos.

Notei ganhos na aquisição de vocabulário e o interesse em nomear seres vivos, por exemplo, não mais genericamente, mas por seus nomes populares mais específicos. Jogar coletivamente e estar na natureza exigem concentração, e o elo de amizade e o intercâmbio entre os estudantes, e destes com o meio rural, também foram observados.

O projeto "A vida fala" promoveu a integração do ensino regular do 4º ano e das turmas participantes parceiras, pelos trabalhos de valorização biocultural práticos por meio de um estímulo às produções criativas e particulares da criança da roça, sem

perder de vista as habilidades previstas na BNCC, sobretudo quanto às habilidades gerais do letramento científico e da comunicação oral e escrita da língua portuguesa e das Ciências Humanas e da Natureza. Enfatizei a valorização biocultural local e o modo de vida caipira, alicerçado no principal tripé étnico que estrutura o povo brasileiro, isso descortinou nas crianças um orgulho tradicional e deu asas aos seus gostos e potenciais, a partir do encontro consigo frente às vivências, às dinâmicas práticas e ao contato com os outros. As especificidades dos estudantes, da turma e da comunidade escolar rural foram trazidas ao primeiro plano do trabalho pedagógico, conferindo o rico suporte para fixar os conteúdos sobre a diversidade de saberes locais e regionais, costurando os temas interconectados de geografia, história, ciências e língua portuguesa pelas experiências vividas relacionadas à cultura e ao mundo natural. O bem-estar dos estudantes nessas vivências potencializou um ensino significativo, com conteúdos em formatos mais próximos de suas interações cotidianas, diante de suas "roças, bichos e florestas" de todos os dias. Uma cultura caipira local mais conectada à biodiversidade potencializa a pessoa do campo, estando mais integrada aos ciclos e aos elementos da natureza e do ambiente.

Nessas sequências pedagógicas, o ensino voltou-se para a valorização da sociobiodiversidade, como é cerne fundamental na ética-filosófica das matrizes étnicas africana e indígena. Buscou-se estruturar a cidadania ecológica em contato com a sociopolítica provendo conteúdos articulados para a vida. O significado étnico cultural local foi dado às habilidades estruturantes previstas para o trabalho dos conteúdos fundamentais do currículo e do desenvolvimento cognitivo esperado para a faixa etária.

Referências bibliográficas:

Podcasts: “Bantos e iorubás: civilizações matrizes da formação do Brasil”, do canal Humanizando: história crítica, cultural popular: humanidades, educação política e antirracismo, “Moçambique: línguas bantu e língua portuguesa”, do canal Moçambicando; “Falando banto”, do canal Histórias de pai para filha.

Canal do projeto *Latitudes africanas*.

Laura Pereira Lima, “Menosprezada pela história, herança banto é um pilar central da formação do Brasil – Livro da USP mergulha na presença banto na história, cultura, língua e religião”, *Jornal da USP*, 1º fev. 2024. Disponível em: https://jornal.usp.br/?p=719942.

“A vida fala: ecos bantos brincam na escola do Ribeirão, Pindamonhangaba – SP”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?feature=shared&v=heTdwd9ApIA.

Nei Lopes, *Novo dicionário banto do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

Vagner Gonçalves da Silva *et al*., *Através das águas: os bantu na formação do Brasil* (Coleção Viramundo). Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, 2023. Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1189.

Plano de Aula 2 – O papel das mulheres na construção da sociedade brasileira

Realização

Aline Baptista Rodrigues Ribeiro
Joseane Cristina Marcondes
EMEFI Luiza Maria Cavalcanti Guratti

Município

São José dos Campos

Apresentação

A partir do vídeo disparador produzido pelo Museu da Língua Portuguesa em parceria com a Rede de Ensino Municipal, as professoras realizarão o levantamento dos conhecimentos prévios sobre empoderamento feminino e gênero textual resenha. Em seguida, será apresentado aos alunos o livro *Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil*, momento em que os estudantes terão contato com a história de mulheres negras brasileiras que contribuíram para causas que abrangem o empoderamento feminino. O produto será uma resenha crítica sobre um capítulo do livro escolhido pelo estudante resenhista.

Objetivos

- Ampliar o repertório dos estudantes em relação à temática escolhida;
- Desenvolver a criticidade dos estudantes frente às demandas sociais;

- Fomentar o protagonismo do estudante no desenvolvimento das próprias habilidades;
- Analisar as variedades da língua falada e combater o preconceito linguístico;
- Ampliar o vocabulário e conhecer parte da história da língua portuguesa;
- Compreender a influência das línguas africanas no português brasileiro.

Grupo escolar trabalhado

8º ano – Ensino Fundamental II

Habilidades da BNCC e do Currículo Paulista:

(EF69LP46), (EF69LP49), (EF69LP07), (EF69LP19), (EF89LP33), (EF69LP53), (EF89LP01), (EF69LP16), (EF89LP30), (EF69LP47), (EF89LP02), (EF89LP04), (EF08LP01), (EF69LP44), (EF08LP08), (EF89LP32), (EF69LP55) (EF08LP05), (EF69LP07), (EF89LP26), (EF69LP56), (EF89LP09), (EF89LP11).

Desenvolvimento

Seis aulas de 50 minutos cada

- **Exibição do vídeo "Feijoada de palavras – jovem" (uso de equipamentos audiovisuais);**
- **Levantamento dos conhecimentos prévios sobre empoderamento feminino e gênero textual resenha por meio de roda de conversa;**
- **Apresentação do livro Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil, de Duda Porto de Souza e Aryane Cararo;**
- **Debate sobre empoderamento feminino, o papel das mulheres na sociedade e a influência das sociedades africanas na persona da mulher**

brasileira a partir do poema "Eu etiqueta", de Carlos Drummond de Andrade (livro didático);

- **Utilização do vídeo "Nossa língua do Brasil" para ampliar o repertório de conhecimento sobre as nuances da língua portuguesa, conscientizar em relação aos mais variados falares e a importância do respeito a cada um;**
- **Planejamento, produção e revisão de resenha sobre um capítulo do livro trabalhado;**
- **Gravação em áudio das resenhas para criação de podcast na plataforma Spotify.**

Reflexão final

A partir da ampliação do repertório, colaborar para que os estudantes compreendam que se faz urgente uma maior valorização da mulher; além disso, que reconheçam o papel exercido por elas na constituição de nossa sociedade e da língua portuguesa.

Ademais, com o suscitar dos debates, propiciar aos estudantes que compreendam que nossa língua é formada a partir de múltiplas influências e que as línguas africanas contribuíram com nosso vocabulário, além de nossa cultura.

Referências bibliográficas:

Duda Porto de Souza; Aryane Cararo, *Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil*. 1. ed. São Paulo: Seguinte, 2017.

William Cereja; Carolina Dias Vianna, *Português: linguagens: 8º ano*. 11. ed. São Paulo: Saraiva Educação S.A., 2022.

Plano de Aula 3 – Palavras de origem africana: cultura que vive em nós

Realização

Carmen Agostinho
EM Professora Odete Correa Madureira

Município

Pindamonhangaba

Apresentação

Inspirado no material "Feijoada de palavras", o projeto destacou a valorização da diversidade cultural e ampliou o entendimento sobre a contribuição africana para o português brasileiro. Complementando o projeto "Diversidade que transforma", em desenvolvimento na escola, o ODA possibilitou integrar outras atividades, como leituras, danças, debates, jogos, vídeos e a produção de *podcasts*. Por meio dessas dinâmicas, os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental I foram incentivados a refletir sobre a influência africana na língua portuguesa, garantindo que essa aprendizagem seja incorporada de maneira contínua ao currículo escolar.

Objetivos

- Valorizar a diversidade cultural: promover a valorização das culturas africanas e suas contribuições para a formação da língua portuguesa, destacando a importância das

palavras de origem africana no cotidiano dos alunos;

- Desenvolver a consciência linguística: estimular a reflexão sobre a origem e o significado das palavras utilizadas na língua portuguesa, incentivando os alunos a reconhecerem e a compreender a diversidade linguística do Brasil;

- Fortalecer habilidades de leitura e escrita: utilizar atividades interativas, para aprimorar as habilidades de leitura e escrita dos alunos, focando no correto uso e na compreensão das palavras de origem africana;

- Fomentar a autonomia e o protagonismo dos alunos: incentivar os alunos a serem protagonistas do processo de aprendizagem, participando ativamente em atividades que explorem a riqueza cultural afro-brasileira;

- Integrar o conteúdo ao plano de ensino: garantir que o aprendizado sobre a diversidade cultural e linguística seja incorporado ao plano de ensino de forma interdisciplinar, assegurando a continuidade e a ampliação do projeto ao longo do ano letivo;

- Promover a participação familiar: envolver as famílias no processo de aprendizagem, incentivando a pesquisa e a troca de conhecimentos sobre palavras de origem africana, fortalecendo os laços entre a escola e a comunidade.

- Ampliar o conhecimento cultural: complementar o projeto “Diversidade que transforma” em desenvolvimento na escola, ampliando o conhecimento dos alunos sobre a influência africana na formação da identidade brasileira;

- Cumprir diretrizes legais: contribuir para o cumprimento da Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, integrando os conteúdos do ODA às diretrizes curriculares vigentes.

Grupo escolar trabalhado

2º ano – Ensino Fundamental I

Habilidades da BNCC e do Currículo Paulista:

(EF04LP03), (EF35LP02), (EF03HI03), (EF35LP05), (EF35LP11), (EF35LP15), (EF35LP18), (EF35LP20), (EF05LP15), (EF35EF09).

Desenvolvimento

1. Apresentação da proposta:

- Durante a reunião de pais, o projeto foi apresentado às famílias, destacando seus objetivos e a importância do tema para a educação dos alunos.

2. Mapa conceitual:

- Organização de ideias e informações para avaliar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema do projeto.

3. Contextualização inicial:

- Realização de leituras diárias de diversos livros que abordam histórias africanas, com o objetivo de familiarizar os alunos com a riqueza cultural e a herança africana.

4. Apresentação do vídeo ODA:

- Apresentação do Objeto Digital de Aprendizagem (ODA) com ênfase nas influências africanas presentes na língua portuguesa do Brasil.

5. Apreciação e contextualização do vídeo:

- Discussão das palavras apresentadas no vídeo, promovendo uma compreensão mais profunda de seu significado e origem.

6. Pesquisa em família:

- Realização de pesquisas com a família sobre outras palavras de origem africana que ainda fazem parte de nosso vocabulário.

7. Roda de conversa e debate:

- Compartilhamento dos resultados da pesquisa sobre palavras de origem africana, enriquecendo o vocabulário e expandindo o conhecimento cultural.

8. Produção de podcast:

- Criação de um podcast focado no conteúdo aprendido sobre palavras de origem africana.

9. Criação de jogos (gamificação):

- Participação em jogos educativos como ferramenta de aprendizado, visando aprimorar a leitura e a escrita de palavras de origem africana.

10. Disseminação do podcast:

- O podcast foi compartilhado com todas as outras turmas da escola, garantindo que mais alunos pudessem aprender sobre o tema.

11. Produção de podcasts semanais:

- Com base no sucesso inicial, os alunos passarão a planejar a produção de podcasts semanais, aprofundando seus conhecimentos e compartilhando-os com a comunidade escolar.

12. Dança maculelê:

- Os alunos foram incentivados a participar do desenvolvimento de um projeto de dança maculelê, conectando a cultura africana às suas expressões artísticas.

Recursos e acessibilidade: tanto os podcasts quanto os jogos educativos são recursos que permitem o acesso ao conteúdo a qualquer momento, proporcionando a oportunidade de revisar conceitos e sanar dúvidas sempre que necessário.

Reflexão final

O desenvolvimento do projeto “Palavras de origem africana – cultura que vive em nós” foi uma experiência enriquecedora tanto para os alunos quanto para a comunidade escolar. Ao integrar a cultura africana ao cotidiano educacional, conseguimos não apenas ampliar o conhecimento dos alunos sobre a riqueza linguística do português, mas também promover uma valorização das raízes culturais que compõem nossa identidade. A participação ativa dos alunos e a colaboração do Museu da Língua Portuguesa foram fundamentais para o sucesso do projeto, que evidenciou como o aprendizado pode ser significativo e transformador quando contextualizado e conectado à realidade dos estudantes. Essa experiência reforçou a importância de metodologias ativas e parcerias estratégicas para a construção de um ensino mais inclusivo, dinâmico e relevante.

A dinâmica de desenvolvimento do projeto garantiu que o ODA alcançasse seus objetivos, integrando-se de forma interdisciplinar ao plano de ensino. A intenção é que o projeto não se encerre com a turma do 2º ano, mas sirva como ponto de partida para sua expansão, inserção e consolidação no currículo escolar, assegurando sua continuidade e impacto a longo prazo.

Plano de Aula 4 – O glossário das línguas africanas que influenciam nossa cultura

Realização

Marcela Barreto
Eddy Carlos Souza
Ana Beatriz
EMEFI Professora Ana Berling Macedo

Município

São José dos Campos

Apresentação

As raízes das línguas africanas perduram e continuam a influenciar os diferentes dialetos de cada comunidade local, enriquecendo o contexto histórico. Nesta perspectiva dinâmica, as línguas são moldadas por diversos aspectos socioculturais e históricos, resultando em singularidades expressivas que refletem o pertencimento de cada pessoa a uma identidade. A língua atua como elo cultural que nos conecta a grupos sociais e históricos específicos, e as influências das matrizes africanas têm contribuído significativamente para fortalecer nossa brasilidade, enriquecendo nossa experiência cultural e social.

Objetivos

- Valorização de diversas manifestações artísticas e culturais, de diversos grupos sociais, promovendo práticas diversificadas da produção artístico-cultural no contexto histórico e geográfico.

Grupo escolar trabalhado

8º ano – Ensino Fundamental II

Habilidades da BNCC e do Currículo Paulista:

(EF69LP07), (EF08HI34), (EF08GE36).

Desenvolvimento

Os professores promoveram debates, rodas de conversa e reflexões durante as aulas sobre as influências culturais dos afrodescendentes em nossa cultura, língua, dança, entre outros aspectos. Para aprofundar o tema, realizaram pesquisas junto aos alunos utilizando leituras de textos, vídeos e documentários.

Cada professor trabalhou com as habilidades previstas no currículo, mas integrando as influências linguísticas dos afrodescendentes ao português do Brasil. No componente curricular de história, o professor Eddy abordou o abolicionismo e suas implicações culturais para o Brasil, solicitando aos alunos uma pesquisa sobre o tema.

Em geografia, a professora Ana Beatriz explorou as influências culturais das religiões africanas no Brasil e pediu aos alunos que elaborassem um glossário de palavras de origem afrodescendente presentes em nossa língua. Nas aulas de língua portuguesa, os alunos leram diferentes textos e assistiram a vídeos que incentivaram a reflexão sobre as variedades linguísticas existentes, destacando a contribuição das línguas africanas para o português brasileiro.

Após debates e leituras em história e geografia, os alunos integraram os conteúdos estudados em uma resenha crítica sobre as influências das línguas africanas, com base nos trabalhos realizados nas disciplinas de geografia (glossário das línguas africanas) e história (abolicionismo e suas influências culturais no Brasil).

Relato da experiência

Refletir sobre o tema “O glossário das línguas africanas que influenciam nossa cultura” é reconhecer a rica herança linguística e cultural que compõe a identidade brasileira. As línguas africanas, como o iorubá, o quimbundo, o umbundo, entre outras, deixaram marcas profundas no português falado no Brasil, influenciando não apenas o vocabulário, mas também expressões, sotaques e modos de falar em diferentes regiões.

O envolvimento dos alunos nesse processo de estudo é crucial, pois permite uma compreensão mais profunda das origens e da diversidade cultural do país. Para os estudantes, mergulhar no estudo das línguas africanas não é apenas uma viagem ao passado, mas uma oportunidade de valorizar e respeitar as contribuições de povos africanos na formação do Brasil contemporâneo. Além disso, esse conhecimento desperta a consciência crítica sobre questões de identidade, pertencimento e diversidade, temas essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

O papel dos professores de geografia e história é fundamental nesse contexto. Eles não apenas auxiliam os alunos a traçarem as conexões entre o passado colonial e o presente, mas também fomentam um ambiente de aprendizagem que promove a inclusão e o respeito às diferentes culturas. Ao promover atividades interdisciplinares, como a produção de resenhas em língua portuguesa sobre termos e expressões africanas, os professores incentivam o desenvolvimento do pensamento crítico e da escrita reflexiva dos alunos.

A produção de resenhas, por sua vez, é um exercício que permite aos estudantes aprofundarem seus conhecimentos e refletirem

sobre a importância dessa herança cultural. Além de aprimorar as habilidades linguísticas, a atividade estimula a pesquisa e a curiosidade, permitindo que cada aluno se torne um agente ativo na preservação e na valorização das influências africanas presentes em nosso cotidiano.

Assim, ao unir o estudo linguístico com a prática pedagógica, criamos um espaço em que passado e presente dialogam, e no qual a diversidade é celebrada como uma das maiores riquezas do Brasil.

Plano de Aula 5 – Feijoada de palavras do nosso português

Realização

Mônica Bittencourt Martins
EM Silvia de Cassia Matias

Município

Guarulhos

Apresentação

Explorar e valorizar a riqueza cultural das palavras de origem africana e tupi por meio de jogos diversos criados pelos estudantes, incentivando a criação artística que reflita a diversidade linguística e cultural do Brasil.

Objetivos

- Explorar a riqueza linguística: apresentar aos estudantes a diversidade e o significado das palavras de origem tupi e africana, destacando sua importância na formação da língua e da cultura brasileira;
- Introduzir o contexto histórico da colonização portuguesa no Brasil, abordando o ataque e a escravidão dos povos indígenas e africanos, e como essas práticas impactaram a sociedade brasileira e o uso dessas palavras no cotidiano;
- Conhecer os livros *O tupi que você fala, A África que você fala* e *Quanta África tem no dia de alguém*;
- Assistir aos vídeos produzidos em parceria com o Museu da Língua Portuguesa;

- Conhecer diversos tipos de jogos utilizando as palavras aprendidas;
- Capacitar os estudantes para elaborar e aplicar jogos como ferramentas educativas, explorando como esses recursos podem facilitar a compreensão e o engajamento com conteúdos culturais.

Grupo escolar trabalhado

Ciclo I A – EJA anos iniciais do Fundamental

Habilidades da BNCC e do Currículo Paulista:

(EF15AR24), (EF15AR25), (EF15AR26).

Desenvolvimento

Momento 1

- Sondagem dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre como nossa língua foi formada e as histórias dessa formação. Quem somos? De onde viemos? Qual é sua história pessoal? Leitura deleite: prefácio do livro As veias abertas da América Latina.

Momento 2

- Vídeos de documentários indígenas. A história contada pelo povo oprimido. Discussão sobre os assuntos levantados nos vídeos. Leitura de reportagem sobre resgate em São Paulo de uma mulher que viveu 40 anos em regime análogo à escravidão.

Momento 3

- Leitura de livros sobre a língua tupi e africana que nós falamos sem saber. Vídeos da Feijoada

de palavras – jovens e crianças. Música para complementar. Discussão sobre os assuntos abordados.

Momento 4

- Criação de jogos utilizando as palavras aprendidas e brincadeira com os jogos.

Relato da experiência

As aulas tiveram um impacto positivo nos estudantes, principalmente em um melhor entendimento de nossa história e quanto ainda temos muito a evoluir. A escravidão ainda tão presente providenciou espaço para eles se abrirem em relação à própria história, muitos estudantes relataram terem sido vítimas de trabalho análogo à escravidão ainda jovens, quando foram trabalhar em casas de família e tiveram seus direitos de ir e vir, de salário e de estudar tolhidos.

A aprendizagem das palavras de origem tupi e africana foi muito boa, a criação dos jogos foi um pouco complicada para eles, mas brincamos de forca e eles se divertiram bastante tentando descobrir as letras das palavras.

Tivemos a presença de indígenas na escola e me admirei com as perguntas levantadas pelos estudantes.

Essa atividade para o Museu da Língua Portuguesa se encerra aqui, mas na escola iremos continuar esse processo nos aprofundando e, em novembro, iremos fazer uma deliciosa feijoada.

Referências bibliográficas

Vídeo: “O sonho da pedra” – Ailton Krenak, 2008;
Vídeo: “As guerras do Brasil” – Documentário

criado por indígenas e historiadores relatando a invasão portuguesa e espanhola na América do Sul.

Leitura dos livros:
Quanta África tem no dia de alguém, de Renata Fernandes;
O tupi que você fala e *A África que você fala*, ambos de Cláudio Fragata;
As veias abertas da América Latina (prefácio), de Eduardo Galeano;
Leitura de uma reportagem do *Metrópoles* de 15 de agosto de 2024 relatando o resg'ate de uma mulher que viveu quarenta anos em regime análogo à escravidão, em São Paulo;
Música: "Tu tu tu Tupi", de Hélio Ziskind.

Plano de Aula 6 – Os falares daqui e de lá: as contribuições das línguas africanas nas brasilidades

Realização

Pamela Sousa de Araújo
EMEFI Professora Maria Aparecida dos Santos Ronconi

Município

São José dos Campos

Apresentação

Nesta sequência, será possível a procura por escritores e estudiosos das línguas africanas, além de artistas brasileiros que buscam preservar sua ancestralidade e exaltar a riqueza da matriz africana. Sendo o gênero textual roteiro de minidocumentário um recurso rico em imagens e sons, é preciso criar um caminho que permita aos alunos que busquem por essas influências em seu cotidiano para que registrem momentos da cultura e das línguas africanas em sua cidade, rua, escola ou, até mesmo, em casa. Outro ponto importante é permitir que momentos de debate aconteçam em sala para que a opinião, algo importante nos documentários, seja um catalisador de ideias e sentimentos e transforme ou inquiete a visão cultural de cada discente.

Objetivos

- A sequência didática tem por objetivo trabalhar o gênero documentário com o 9º ano por meio da influência cultural e linguística dos povos africanos no Brasil e, de forma crítica

e analítica, contextualizar tais referências na contemporaneidade e debater os preconceitos linguísticos, religiosos e sociais que algumas vertentes ainda enfrentam desde quando esses povos foram escravizados.

Grupo escolar trabalhado

9° ano – Ensino Fundamental II

Habilidades da BNCC e do Currículo Paulista:

(EF69LP46), (EF69LP11), (EF69LP01) (EF09LP07), (EF89LP28), (EF89LP25), (EF69LP35).

Desenvolvimento

1ª etapa:

Será utilizada para a explicação sobre o projeto e o percurso formativo de pesquisa quanto ao uso da língua e suas origens. Como conteúdo disparador, os alunos assistirão ao documentário *Sankofa: A África que te habita*, que trata de um percurso, principalmente fotográfico e de memórias, para relatar a história dos escravizados e as influências culturais até os moldes contemporâneos. Em grupos, deverão reconhecer a crítica e a denúncia, a influência de cores, sons, a importância das entrevistas no documentário, além da musicalização. Fotografias com trechos do documentário serão entregues aos grupos para visualização e levantamento de tais questionamentos. Início do debate por meio de dois questionamentos que resultarão em dois mapas mentais: “Quando penso em África, penso em...?” / “Língua portuguesa ou língua brasileira? Por quê?”.

2ª etapa:

Apresentação do poema “O navio negreiro”, de

Castro Alves, com leitura dos trechos que relatam o cotidiano dos negros no navio. Os alunos deverão encontrar, principalmente, a presença de metáforas e/ou analogias presentes nos versos e questionar o sentido histórico de tais expressões. Haverá também a representação artística por meio da arte de Grada Kilomba com a obra "O barco".

Para dialogar com o trabalho de Grada e com o poema de Castro Alves, incluímos o samba de João Nogueira, "Lá de Angola", que fala do processo que a sociedade precisa atravessar para esclarecer sua identidade. Em grupos, os alunos utilizarão o Padlet para criarem um mural on-line sobre as interpretações levantadas e o que perceberam de semelhante entre as obras.

3ª etapa:

Apresentação do continente africano em um mapa que contenha suas línguas, além de uma apresentação dos costumes, religiões e cultura artística. Leitura e análise do conto africano "O velho que assustava o medo", do livro *Contos africanos*, de Ernesto Abud. O conto será lido e contará com uma representação em vídeo para a abertura das pesquisas das palavras com influências africanas. Os alunos pesquisarão durante a aula palavras da língua brasileira (ou português do Brasil) que tenham influência africana em sua origem. Do conto, a palavra *baobá* será uma personagem principal para a próxima atividade, além da frase "As palavras que viajam desde os tempos remotos [...] estão escritas como fios da noite [...]". Uma árvore em cartolina preta representará um baobá e, em cada folha, os alunos devem acrescentar uma das palavras pesquisadas e seus significados. Ficará exposto para consultas futuras.

4ª etapa:

A aula iniciará com um questionamento: “Palavra sofre preconceito?”. Para iniciar o debate do encontro e proporcionar reflexões futuras, será apresentado à sala o vídeo “Feijoada de palavras – jovem” sobre a influência da língua africana no português brasileiro, presente em palavras como, cafuné, samba, fubá, entre outras importantes contribuições. Uma das curiosidades que será apresentada à sala é que vários campos semânticos atualmente contribuem com a língua brasileira, com algumas variações em sua escrita. Os alunos terão contato com a música “Balafon”, de Gilberto Gil, em um primeiro momento, sem a letra, e por meio do canto, tentarão colocar no caderno as palavras que para eles são de origem africana, além do fundo musical e a mensagem da música. Depois, os alunos receberão a letra da música para verificarem o que eles acertaram ou se chegaram próximos da sonoridade das palavras. Em uma análise de conhecimentos prévios, verificar se os alunos sabem o que significam tais palavras. Permitir a pesquisa de tais palavras e discutir com a sala o significado dessa música para o povo brasileiro e qual é a origem de tais palavras.

5ª etapa:

A partir deste encontro, os alunos terão uma imersão em palavras que têm origem no banto, que, segundo o *Jornal da USP*, “Entre 1580 e 1850, cerca de 75% dos africanos escravizados levados para o Brasil eram bantos, dos quais a maioria advinha da Angola e República Democrática do Congo, e posteriormente, de Moçambique. Além de serem os primeiros africanos a desembarcar no Brasil, os bantos também foram os primeiros

exemplos de resistência, a partir da reconstrução, em solo brasileiro, do modelo africano do quilombo". Em grupos, cada mesa receberá um envelope contendo imagens e palavras para pesquisarem seu significado e sua origem e, quando possível, mostrar as diferenças entre o significado que a palavra e ou imagem adquiriu no Brasil. Perceber com os alunos que alguns termos são utilizados para perpetuar o preconceito e expor a história do sofrimento, como a palavra *babá*. *Cards* com questionamentos serão colocados no envelope e cada grupo poderá expressar uma forma de representação para a sala. Os significados poderão ser consultados no arquivo disponibilizado pela Universidade Federal de Minas Gerais. Na opinião deles, por que algumas dessas palavras indicam preconceitos? Mostrar a definição de Marcos Bagno. O principal objetivo está em os alunos perceberem que língua é poder e a cultura e a história influenciam o que é "certo" ou "errado".

6ª etapa:

Nessa etapa, os alunos terão como disparador o texto adaptado da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, *O perigo de uma história única*, para refletirem sobre a importância do estudo das palavras de matriz africana no Brasil e para desmistificar os preconceitos existentes. Atividade sugerida: intercâmbio com a escritora. Cada aluno poderá ler como foi seu contato com a obra da escritora e buscar quais estereótipos foram construídos para que as palavras de origem africana utilizadas no Brasil tivessem certo apagamento histórico. Para o registro, a professora poderá acrescentar a informação no Padlet da sala.

7ª etapa:

A palavra para esse encontro será *samba*. Segundo a Biblioteca Nacional, "A palavra *samba* procede da expressão africana *semba* – que quer dizer umbigada – empregada para designar dança de roda. Diferentemente de algumas danças de umbigada que tinham caráter religioso – como o jongo, por exemplo – o momento da roda de samba era *profano*". Por ser um momento de festa (eis a palavra profano), por muito tempo, e até atualmente, o samba é considerado uma linguagem das ruas e pertencente aos pobres e periféricos, como algo pejorativo. Na verdade, o samba continua sendo uma representação cultural de luta e resistência contra a segregação e o racismo. Algumas letras recorrem à sua ancestralidade, como a música "Catimba criolo", do grupo Os Originais do Samba. Na letra, os alunos terão contato com uma palavra de origem africana como: *crioulo, catimba* e *samba*, e algumas outras expressões que remetem à cultura religiosa e à capoeira.

Uma curiosidade: segundo o dicionário Houaiss, catimba é um "procedimento utilizado em certas competições esportivas, especialmente o futebol, e que consiste em prejudicar o desempenho do adversário por meio de recursos astuciosos e, às vezes, antiesportivos". Na música também é possível ouvir as palmas contemplando a sonorização do samba, mostrando a música em roda, característica da primeira definição do samba. Cada grupo interpretará a letra de forma autônoma e juntos criarão um podcast a ser apresentado para a sala (máximo de dez minutos), contendo a explicação dos versos. Na aula seguinte, a sala ouvirá os registros e veremos as semelhanças e diferenças, comparando as definições encontradas.

8ª etapa:

Em grupos, os alunos serão divididos nos seguintes temas em busca de palavras de influência africana e ocorrerá o registro, por meio de um minidocumentário, que envolva: entrevista, fotografia e explicações teóricas. Cada tema tem um questionamento para contribuir com as pesquisas. (O caderno de estudos da língua africana da UFMG e o repositório on-line do MLP devem ser utilizados para a criação de um banco de palavras inicial para os grupos, que servirá como um caminho teórico para a produção final).

- **Contexto histórico: Quanto de África temos em nós?**
- **Instrumentos e danças: Quais são os preconceitos ainda existentes?**
- **Culinária: A cozinha é uma resistência cultural de nossa ancestralidade?**
- **Palavras: Quais brasilidades vêm de lá?**
- **As influências na música: O que temos de África hoje em nossos cantores?**

Do oitavo para o nono encontro, os grupos devem promover o debate de como imaginam o trabalho e, juntos com a professora, criarem um roteiro para o minidocumentário.

9ª etapa:

Com o planejamento e as pesquisas concluídas, essa etapa será importante para tornar o projeto uma pesquisa, com: título (utilizado nos temas); sinopse (breve relato do que será produzido no minidocumentário); argumento (a importância dessa produção para a comunidade escolar); falas e recortes (colocar o que cada interlocutor irá

falar e como serão os recortes (entrevistas, letras, música...); criação de uma linha do tempo (o grupo deverá criar uma linha do tempo contendo desde as imagens iniciais até os créditos finais. Funciona como uma síntese criativa, busca pelas pessoas a serem entrevistadas (criar um documento de autorização de imagem para que os alunos possam utilizar e entregar para a professora, para documentação). Listar as possibilidades de pessoas a serem entrevistadas na escola e fora dela.

10ª etapa:

Início das gravações, entrevistas e recortes fotográficos. Nesta etapa, os alunos podem utilizar os celulares e têm a liberdade de utilizar outros recursos, como a sala de informática e áreas externas. Entrevistas fora do ambiente escolar devem ter a autorização dos pais, sendo que os responsáveis serão comunicados com antecedência sobre o projeto em parceria com o Museu e receberão uma síntese das etapas. Sendo uma regra da escola não utilizar os celulares em sala de aula, será verificada a possibilidade de utilizar a câmera da escola ou espaços dedicados a produções multimídias da Prefeitura de São José dos Campos.

11ª etapa:

Edição do vídeo por meio do Canva ou do aplicativo Clipchamp, selecionando os melhores ângulos e utilizando o novo recurso de ruído, já que algumas áreas externas atrapalham a busca pela captação da voz dos alunos ou por aqueles que foram entrevistados. Certificar se as palavras africanas foram explicadas de forma teórica e se a sequência criativa está de acordo com o tema

proposto: “A pergunta disparadora foi respondida no decorrer do minidocumentário?”. Os vídeos após a edição serão salvos na versão MP4 em um pendrive da professora. Posteriormente, em uma página do YouTube criada para a sala, os vídeos serão arquivados e compartilhados com maior facilidade por meio de links com os professores e com aqueles que queiram utilizar o material.

12ª etapa:

Em um pequeno evento com os pais e os alunos, os vídeos serão transmitidos em um telão para que todos possam presenciar um dia de curta na escola. Antes de cada transmissão, os alunos de cada grupo devem falar um pouco sobre suas produções e, se possível, cada grupo ganhará um certificado de participação, e os três primeiros lugares, por meio de uma votação com os presentes na exibição, podem ganhar uma medalha.

Relato da experiência

É possível perceber que o gênero documentário proporciona aos alunos uma abordagem expositiva e poética da sociedade por meio do levantamento de informações, muitas vezes implícita, que exigirá a busca por repertório e por relatos de personagens sociais. Assim como *Sankofa*, é necessário ter uma busca e compreensão do passado para perceber as mazelas do presente e transformar o futuro.

Referências bibliográficas

Documentário *Sankofa: a África que te habita*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8133gXVi.

Poema “O navio negreiro”, de Castro Alves. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf.

Obra “O barco”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D7vSm5DLgDs.
Samba de João Nogueira,“Lá de Angola”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=maKE2DMyWhQ.
Música “Balafon”, de Gilberto Gil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=U2Hqe_YPYNs.
Lilian Bacich & Moran José (orgs.), *Metodologias ativas para uma educação inovadora*,
Cantos africanos em umbundo. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/vivavoz/cantosafricanos2ed-site.pdf.

Experiências dos professores

Relato 1 – Quanta África e história fazem parte de nossa identidade?

O trabalho vivenciado com a classe bilíngue de surdos foi uma descoberta diária. Nossa turma conheceu e aprendeu um pouco sobre a cultura africana e a influência de palavras presentes em nosso cotidiano por meio da ODA construída com o GT de professores e colaboradores do Museu da Língua Portuguesa.

Foram diferentes experiências, atividades e interações, que despertaram a curiosidade, a criatividade e oportunizaram a construção de saberes por meio da ludicidade e de práticas que desenvolveram algumas habilidades por meio do letramento digital.

Palavras escritas ganharam sentido e deram significados aos sinais em Libras, e a história de nosso país foi sendo pesquisada e estudada, resultando na construção de uma linha do tempo visual e marcada por acontecimentos históricos.

Muitas produções e linguagens foram desenvolvidas no decorrer do semestre, e permitiram o compartilhamento dessas aprendizagens com os demais alunos, ouvintes, de nossa escola e com toda a comunidade escolar, por meio de interações e exposições desses trabalhos.

Foi uma experiência rica e inesquecível para nós educadoras envolvidas em todo o processo e para os alunos surdos que tiveram a oportunidade de conhecer ainda mais sobre a África, a língua

portuguesa e nossa história na visita ao Museu.

Tenho certeza de que os registros dessas experiências e a construção das ODAs incentivarão outras crianças, adultos e educadores a conhecer e a participar de futuros projetos que possam acontecer por meio do Museu da Língua Portuguesa.

Professora Ana Biggi
EPG Professor Edson Nunes Malecka
Guarulhos – SP

Relato 2 – Alimentando nossas origens: do banto ao “brasileiro”, um banquete de aprendizagens

O presente projeto nasceu em junho, com nossas primeiras rodas de conversa sobre o assunto. A partir delas, iniciaram-se as aulas sobre a influência africana na formação de nossa cultura, nossa alimentação e na formação de nossa língua. Costurei, então, os demais conteúdos para que fosse possível trabalhar de maneira inter e multidisciplinar e, assim, abordar o tema em diferentes matérias. A professora do 4º ano criou um projeto com a turma e eu criei um outro com o 5º ano, para que fosse possível trabalhar os conteúdos e habilidades de acordo com o ano. Trabalhamos de maneira conjunta em muitas aulas. Sempre que possível, juntávamos as turmas em uma de nossas salas e acontecia a aula em parceria.

Uma experiência riquíssima, tanto para mim enquanto docente quanto para meus pequenos. Como o próprio nome do projeto sugere, um verdadeiro banquete de aprendizagens.

Procurei trabalhar de forma inter e multidisciplinar, visando a um aprendizado mais amplo e conciso. O trabalho, quando abordado em forma de projeto, consegue proporcionar à criança uma aprendizagem significativa. Em mais esse projeto, vi quanto isso é significativo. Ver as crianças fazendo relações com o que era trabalhado em ciências, geografia, história e vê-las associando tudo isso à língua portuguesa foi incrível! Elas faziam conexões o tempo todo e traziam isso para o dia a dia.

Quando foram apresentados a eles os vídeos, eles se identificaram muito e no final quiseram ver novamente para poder fazer anotações; em roda de

conversa, eles nos apresentaram muitas sugestões.

A criação dos jogos foi feita em equipes, em que cada uma selecionou um nicho de palavras: alimentos, flora e palavras que remetem à roça ou a zona rural; a partir das escolhas do que iriam trabalhar, começaram, então, a fazer as listas e criar os jogos.

Foram dias de muito trabalho, mas eles ficaram muito orgulhosos de elaborarem jogos para a turma e os demais poderem aprender sobre nossa língua.

E, para concluir a etapa de criação de jogos, eu elaborei conteúdos trabalhados nas demais matérias alinhando-os ao que estávamos vendo sobre o projeto, culminando no jogo Mega Triunfo: alimentando nossas origens. Trata-se de um jogo de cartas contendo alimentos com influências africanas, trazendo sua origem etimológica, um breve relato de como esse alimento é constituído e sua tabela nutricional. Resultado entre as crianças? Sucesso!

Os pequenos gostaram muito de saber mais sobre as influências, tão essenciais, de nossos povos africanos. Foi muito bom vê-los se identificando e se reconhecendo em cada etapa do projeto. Agora, a próxima etapa é passar para as outras turmas da escola o aprendizado que construíram com o projeto do Museu da Língua Portuguesa.

Nós temos um outro projeto em curso, chamado "Pequenos mentores, grandes encantadores – derrubando muros e construindo pontes através da convivência e por meio da leitura". Neste projeto, eles são mentores de outras turmas, planejando e realizando aulas com conteúdo direcionado de acordo com a necessidade de cada ano. E, para todas as salas, desde a Educação Infantil, eles realizam leituras encenadas, a fim de se encantarem com os livros. Agora, com os jogos do Wordwall

que criaram e com o Mega Triunfo, será hora de encantar e construir a ponte da cultura de nossa língua.

Professora Érika Juliana de Souza Nogueira
EM Prof. Maria Apparecida Camargo de Souza
Pindamonhangaba – SP

Relato 3 – Desenvolvendo um olhar apurado: a construção de minidocumentários sobre a influência das culturas africanas no Brasil

A rotina dentro de uma escola é muito dinâmica. Preparamos uma sequência didática pensando em determinada quantidade de aula, mas, às vezes, nem sempre podemos contar com esse cronograma, pois existem muitas demandas externas que fazem mudar tudo aquilo que o professor havia pensado.

Foi isso o que aconteceu no terceiro bimestre em minhas aulas de língua portuguesa com uma turma de 9° ano. Ao voltarmos do recesso escolar, tive de preparar aulas voltadas aos conteúdos e às habilidades que os alunos deveriam desenvolver na realização da prova do PNRA (Plano Nacional de Recuperação da Aprendizagem). As duas primeiras semanas do mês de agosto giraram em torno desse objetivo.

No início, tive uma frustração. Gostaria de trabalhar o quanto antes meu plano de aula voltado à exibição do vídeo que nós, professores e equipe do Museu da Língua Portuguesa, tínhamos concebido com tanto carinho e esmero. Mas nada de ficar abatido. Tracei novas estratégias para lidar com o tempo reduzido. Infelizmente, não pude explorar com mais afinco as ideias compartilhadas por minha amiga de trabalho Pâmela Sousa, professora que também está participando deste projeto. Adiante, voltarei a citá-la, pois ela foi muito importante nesse período.

Antes de relatar a reação dos alunos, falarei um pouco de minhas expectativas. Nos dias que antecederam a aplicação do plano de aula, tive um misto de sensações. Ao mesmo tempo que estava

eufórico, um frio na barriga de apreensão também fazia parte de mim. Mas isso teve mais a ver com minha história do que propriamente com se o plano de aula obteria sucesso ou não quando executado. Sou de uma cidade chamada Fernandópolis, localizada no noroeste do estado de São Paulo. Desde os treze anos, minha sensibilidade musical foi preenchida pelo samba. Sou de uma família católica, sem ligação com esse estilo musical. O samba aparecer em minha vida é uma daquelas coisas que não têm explicação racional. Aos quinze anos, me apaixono por Martinho da Vila. Tinha um CD dele com sambas em que o som dos atabaques se sobressaia. Eu já entendia que aquela sonoridade tinha relação com a umbanda e o candomblé, por isso, com medo de minha família ficar brava, diminuía o som do rádio. Hoje em dia, quando vou lá, escuto esses sambas numa boa, e também converso sobre as religiões de matriz africana com eles. Porém, naquela época, era muito difícil falar disso. No meu plano de aula, uma parte é composta de uma música do álbum *O canto dos escravos*, em que Clementina de Jesus, Tia Doca e Geraldo Filme interpretam lindamente os vissungos, que são cantos nos quais os atabaques se sobressaem, e eram cantados por pessoas escravizadas. Meu receio era saber como os alunos iriam receber essa música, por conta de a cultura negra ainda sofrer inúmeros preconceitos no Brasil. E é aí que me surpreendo.

Na primeira parte do meu plano de aula, os alunos foram divididos em grupos. Cada grupo iria passar por três estações. Quando eles escutaram a música do álbum *Canto dos escravos*, que estava em uma das estações, a maioria dos alunos fez cara de concentração e em nenhum momento eles menosprezaram aquela música. Pelo contrário, queriam descobrir que língua era aquela. Isso

me deu um grande alívio. Fiquei muito feliz!
Na outra estação, havia uma foto do cantor e compositor Rincon Sapiência. A grande parte dos alunos pensou que ele era um artista africano ou estadunidense. Quando descobriram que ele é de São Paulo, ficaram boquiabertos. Mas junto com essa reação, veio também muita reflexão.

Outra grande surpresa que tive foi quando revelei que Rincon também é chamado de "manicongo". Dois alunos já conheciam essa palavra (que também está dentro do Museu da Língua Portuguesa). Às vezes, em sala de aula, focamos tanto em conteúdos, provas, que deixamos de focar na bagagem cultural dos alunos adquirida também fora da escola.

Quando terminamos essa primeira parte, assistimos aos vídeos produzidos pelo projeto "Na sua escola". Decidi reproduzir também o vídeo voltado para o público infantil, pois achei o resultado muito bom. Os alunos amaram os dois vídeos! Elogiaram os atores, principalmente as duas crianças; acharam as imagens belas, sobretudo quando aparece uma roda de capoeira; louvaram quando viram um lugar de São José dos Campos nas imagens e elogiaram a linguagem clara apresentada nos dois vídeos.

Depois de assistirmos aos vídeos, fizemos uma roda de conversa e eles ficaram à vontade para exporem suas opiniões sobre a influência das línguas africanas no português brasileiro. Notei que os vídeos foram essenciais para os alunos no sentido de ajudá-los a organizar suas ideias sobre esse tema. Outro fato que me chamou a atenção foi a vontade que eles ficaram de conhecer o Museu da Língua Portuguesa. Nenhum deles conhece.

Duas alunas da sala são surdas. Elas gostaram

da janela de Libras e se sentiram representadas quando as crianças surdas aparecem no vídeo. Para essas discentes, o que mais chamou a atenção foi o começo do vídeo, que destaca a importância das línguas indígenas. Ao observar isso, a professora intérprete de Libras que as acompanha lembrou da Língua Terena de Sinais, falada por indígenas do Mato Grosso do Sul. No mesmo momento, as estudantes já se interessaram pelo assunto e decidiram que o grupo delas iria fazer o minidocumentário sobre essa língua.

No momento em que escrevo este relato, os estudantes ainda elaboram o produto final, que é um minidocumentário. Trabalhar com esse produto não é fácil, e é aqui que volto a falar da minha amiga de trabalho, a professora Pâmela Sousa. Inicialmente, tinha proposto aos alunos apenas um tema para a produção do minidocumentário, que era "A influência das línguas africanas no português falado no Brasil". Eles não gostaram muito, pois queriam falar de outras influências africanas que impactaram a cultura brasileira. Nas conversas diárias na sala dos professores com a Pâmela, ela me sugeriu dividir os minidocumentários em vários temas, como culinária, música, intolerância religiosa, instrumentos e danças, pois ao falar desses temas, os alunos acabariam tendo contato com palavras de origem africana. Achei essa ideia genial e levei aos alunos, que a abraçaram logo de cara. Relato isso pelo fato de reconhecer, durante todo esse percurso participando do projeto "Na sua escola", o tanto que aprendi com minhas companheiras e companheiros de profissão. Eu e a Pâmela, por trabalharmos na mesma escola, durante esse período, sugerimos um para o outro livros que falam das temáticas que envolvem a negritude, e muitos outros assuntos que envolvem esse tema. Além dela, foi muito bom poder trocar conhecimentos

toda quarta-feira nos nossos encontros. Conheci professores fantásticos da própria rede de São José dos Campos, de Pindamonhangaba e de Guarulhos. Além de ter o prazer de aprender muito com uma pessoa extraordinária que trabalha no Museu, a Luiza Magalhães. Ela mediou nossos encontros nos dando a oportunidade de falarmos sem receios, sempre nos escutando ativamente. Em minha profissão, já fui a várias formações em que os professores não tinham lugar de fala. Isso foi de extrema importância para o sucesso do projeto. Não posso esquecer também das formações que tivemos com pessoas de fora do Museu. Aprendi muito com elas.

Para terminar, gostaria de mencionar um fato que acho essencial para um professor. Durante todo esse percurso, meu lado pesquisador foi instigado. Há muito tempo queria ler o livro *Afrografias da memória: o reinado do rosário no Jatobá*, de Leda Maria Martins. Consegui lê-lo durante o projeto. Isso aconteceu porque toda quarta-feira, quando acabavam nossos encontros, tudo o que dizíamos lá ficava borbulhando em minha mente.

É por tudo isso que sou muito grato ao Museu da Língua Portuguesa por ter me proporcionado essa baita experiência.

Gustavo Henrique da Costa
EMEFI Maria Aparecida dos Santos Ronconi
São José dos Campos – SP

Relato 4 – Vozes africanas no nosso falar

A atividade nos entusiasmou desde o início, e conseguimos transmitir esse entusiasmo aos alunos. Ao discutirmos a proposta, os educandos mostraram-se imediatamente interessados no tema "África". No entanto, percebemos que, em seu imaginário, a África era vista como um "país" repleto de animais (sem distinção da fauna), selvas e mistérios.

Gradualmente, desconstruímos esses conceitos com o uso de vídeos e imagens exibidos no projetor, e os alunos começaram a perceber a riqueza cultural e humana desse vasto continente. Ao abordar o tema "Escravidão", enfatizamos que os africanos não eram escravos por natureza, mas foram escravizados. Destacamos que entre eles havia reis, rainhas, construtores, médicos, entre outros.

Outro momento prazeroso foi a apresentação das ilustrações relacionadas à arte africana, que resultou em releituras incríveis, graças à criatividade de nossa turma. A leitura do livro *Quanta África tem no dia de alguém?*, de Renata Fernandes, foi extremamente apreciada por todos, enriquecendo ainda mais a atividade.

O interesse pelo tema cresceu a cada novo livro lido ou vídeo assistido. Os alunos se encantaram com a animação *Kiriku e a feiticeira*, compreenderam a mensagem de coragem e solidariedade, e, como escolhemos mensalmente uma mascote para a turma, elegeram-no espontaneamente.

A construção da Sala Savana nos proporcionou momentos ricos de informação e aprendizado. O momento em que eles entraram pela primeira

vez na Sala Savana será inesquecível para nós. As expressões de surpresa e encantamento no rosto de cada um coroaram todo nosso trabalho.

Uma de nossas alunas expressou o desejo de se tornar professora para dar aulas tão interessantes quanto as que estavam tendo. Todos os momentos foram criativos e repletos de descobertas e observações inteligentes. Uma das falas que mais nos encantou foi: “Prô, o leão é o rei da savana, e não o rei da selva, né?”.

Na aula de informática, ao acessarem o notebook, digitando o link e percebendo que o jogo tratava do tema do projeto, ficaram maravilhados e jogaram repetidas vezes, exclamando: “Prô, vocês fizeram esse jogo para nossa aula?”.

Estamos certos de que colaboramos para que esta turma compreenda a importância da contribuição dos povos africanos na construção de nosso falar e de nossa cultura. Sem dúvida, eles se tornarão multiplicadores deste aprendizado.

Professora Teresa Cristina Pereira Silva Iqueda
EPG Darcy Ribeiro
Guarulhos – SP

Links utilizados neste material

Propondo uma atividade para além da sala de aula

- Compartilhe com o Museu da Língua Portuguesa: https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/oda/oda

Áudio/podcast:

- Audacity: https://www.audacityteam.org/download/
- Audio Cutter: https://mp3cut.net/

Vídeo:

- Tik Tok: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.zhiliaoapp.musically
- Instagram: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.instagram.android
- Wondershare Filmora: https://filmora.wondershare.net/pt-br/ad/filmora-editor-de-video-brand.html?gclid=CjwKCAjw6MKXBhA5EiwANWLODJYusvwme1EmOI001l6lO6pHXZFqoKXUPYSZ553hgcGIXB9qW9UlSRoCIxMQAvD_
- Windows Movie Maker: https://www.tecmundo.com.br/como-fazer/26724-windows-movie-maker-como-criar-slideshows.htm
- KineMaster: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.nexstreaming.app.kinemasterfree
- InShot: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.camerasideas.instashot

Cartazes:

- Canva: https://www.canva.com/pt_br/

Aplicativos:

- Padlet: https://pt-br.padlet.com/
- Kahoot!: https://kahoot.com/
- Mentimeter: https://www.mentimeter.com/pt-BR

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Tarcísio Gomes de Freitas
Governador

Felício Ramuth
Vice-Governador

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS

Marilia Marton
Secretária

Marcelo Assis
Secretário Executivo

Daniel Scheiblich Rodrigues
Chefe de Gabinete

Mirian Midori Peres Yagui
Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico

Sofia Gonçalez
Diretora do Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus

Luana Viera
Diretora do Grupo de Preservação do Patrimônio Museológico

Regiane Lima Justino
Diretora do Núcleo de Apoio Administrativo

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

Renata Vieira da Motta
Diretora Executiva

Vitória Boldrin
Diretora Administrativa e Financeira

Roberta Saraiva Coutinho
Diretora Técnica

Centro de Referência do
Museu da Língua Portuguesa

Camila Chagas Aderaldo
Coordenadora

Cecilia Farias
Pesquisadora

Janaína Lopes
Assistente de documentação

Leonardo Arouca
Técnico em documentação

Luiza Victória Brito Magalhães
Supervisora

Projeto Na sua escola:
Objetos Digitais do Museu da Língua Portuguesa
Edição: Feijoada de palavras

Camila Chagas Aderaldo
Luiza Victória Brito Magalhães
Coordenação geral do projeto

Julia Calasso
Produção geral do projeto

Lívia Eduarda Oliveira de Araujo
Renata Parisotto Battistuzzi
Vanessa Louise Batista
Consultoria pedagógica

Luiza Magalhães
Karina Macedo
Coordenação editorial

EQUIPE DE FORMAÇÃO
MUSEU DÁ A LETRA 2024 – GTI

Secretaria Municipal
de Educação de Guarulhos

Ana Maria Martins Biggi
Camila Rodrigues Silva Aguiar
Fernanda Kelly Jorge

Isabel Cristina Bonome
Kátia Cristina Barbatano dos Santos Borges
Lidiane Aparecida Colli de Souza
Luciana Freitas de Araújo Dias
Mônica Bittencourt Martins
Paula Teixeira Araújo
Simone Maria de Jesus Martins
Teresa Cristina Pereira Silva Iqueda

Secretaria Municipal de Educação e Cidadania de São José dos Campos

Aline Baptista Rodrigues Ribeiro
Bruna Cristina Franco Corrêa
Gustavo Henrique da Costa
Joseane Cristina Marcondes
Joyce de Fátima Oliveira
Marcela Ferreira de Sousa Coelho Barreto
Maria Vanessa Sampaio Lanzillotti
Pamela Sousa de Araújo
Sandra Barbosa Leal
Rafael Machado

Secretaria Municipal de Educação de Pindamonhangaba

Aline Lopes e Lima
Ana Alice de Souza Silva
Carmen Lúcia Agostinho
Edwin Camargo Pinho
Érika Juliana de Souza Nogueira
Jully Rebeca Pereira da C. Pimenta
Rosalina de Fátima dos Santos Picolo

Publicação

Patrícia Yamamoto Costa Caldeira
Projeto gráfico

Beto Cavalcante
Denis Mathias Leão
Diagramação

Daniela Uemura
Revisão

Realização audiovisual

Renato Modesto e Tide Gugliano
Roteiro

André Piruka
Som direto e mixagem

Eduardo Gugliano
Assistência de montagem e cor

Rosa Cordeiro, Nino Abayomi e Fernando Lufer
Apresentação

Grupo Quilombolas de Luz – Priscila Araújo Machado, Evandro Almeida, João Marcelo, Romeu Assunção, Thalita Fernanda Ribeiro de Souza
Participação

Fernando Solidade
Direção de fotografia

Adriana Marmo
Produção

Tide Gugliano
Direção e montagem

Open Senses
Libras e acessibilidade

Museu da Língua Portuguesa | Temporada 2024

Projeto na sua escola: Objetos Digitais do Museu da Língua Portuguesa

Patrocínio Máster

Lei de Incentivo à Cultura
Lei Rouanet

PETROBRAS

Patrocínio

CCR

INSTITUTO CULTURAL VALE

Apoio

itaú

instituto ULTRA

CAIXA

UBS BB

Parceria no projeto

edp

PREFEITURA MUNICIPAL DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE GUARATINGUETÁ

CIDADE DE GUARULHOS

PREFEITURA SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

São Sebastião

Prefeitura de Pindamonhangaba
www.pindamonhangaba.sp.gov.br

Gestão

idbrasi Organização Social de Cultura

Museu da Língua Portuguesa

Concepção e Implantação

Fundação Roberto Marinho

Realização

TUDO VIRA CULTURA EM SP

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS
Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Museu da Língua Portuguesa

Centro de Referência

Na sua escola
Objetos Digitais de Aprendizagem do Museu da Língua Portuguesa